



**Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará**

*Poetizando sonhos*



*Abelardo Nogueira*  
(Autor)

# *Poetizando sonhos*



**Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará**

Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o  
Desenvolvimento do Estado do Ceará

Fortaleza - Ceará

2019

Copyright © 2019 by INESP

Coordenação Editorial

**João Milton Cunha de Miranda**

Assistente Editorial

**Andréa Melo**

Diagramação

**Mario Giffoni**

Capa

**José Gotardo Filho**

Revisão

**Lucia Jacó Rocha**

Coordenação de impressão

**Ernandes do Carmo**

Impressão e Acabamento

**Inesp**

**Edição Institucional da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará**

**VENDA E PROMOÇÃO PESSOAL PROIBIDAS**

---

N778p Nogueira, Abelardo

Poetizando sonhos/ Abelardo Nogueira. –  
Fortaleza: INESP, 2019  
192p

ISBN: 978-85-7973-121-1

1. Poesia. Literatura, Ceará. I. Título.

CDD 808.1

---

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro,  
desde que citados autores e fontes.

**Inesp**

Av. Desembargador Moreira, 2807

Ed. Senador César Cals de Oliveira, 1º andar

Dionísio Torres

CEP 60170-900 – Fortaleza - CE - Brasil

Tel: (85)3277.3701 – Fax (85)3277.3707

al.ce.gov.br/inesp

inesp@al.ce.gov.br

## *Agradecimentos*

Agradeço a Deus, primeiro.  
Do qual a vida procede.  
Pela sorte que antecede.  
O aspiro derradeiro.  
E quem, seguindo o roteiro.  
Devotou distinto grado.  
Neste sonho emoldurado.  
Ao gosto do coração.  
De mim, toda gratidão.  
Meu muitíssimo obrigado!



## *Dedicatória*

Com carinho, entretanto,  
Convém, pois, congratular.  
À toda minha família  
E, de modo singular,  
Ao deferir meu desejo,  
Qual decantado versejo  
Quero, por fim, dedicar.

À Artemiza Correia  
E também Ana Maria  
Nascimento, poetisas  
De nobre categoria,  
Que usando de bravura  
Semeiam nossa cultura  
E cultivam poesia.

E a quem, logrando bom gosto,  
Fez-se um apreciador  
Da poesia, e, decerto,  
Do livro sabe o valor,  
Desejo boa leitura  
E em nome da cultura,  
Um abraço do autor.



## *Apresentação*

**D**os versos Itinerário, O cais, Cidade Noturna, Ciúme, Escalada, Só e em outros poemas da obra repleta de franqueza de Abelardo Nogueira encontram-se formas de repensar nossa atuação no mundo e de nos transformar enquanto cidadãos.

A leitura é um ato transformador e a formulação de políticas públicas culturais faz parte de um amplo plano que visa ao desenvolvimento socioeconômico do país. A questão da formação de leitores já entrou na pauta das políticas públicas há algumas décadas, mas, ainda assim, precisa ser fortemente incentivada.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, colabora, por meio do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp, disponibilizando obras diversas à sociedade cearense. A publicação em questão, de inquestionável qualidade, manifesta o nosso desejo de ampliação do acesso à cultura.

**Deputado José Sarto**

Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do  
Ceará



## *Prefácio*

**P**oemas verdadeiros e consistentes instigam o nosso imaginário e a nossa vida simbólica. Suas palavras levam-nos a uma interpretação própria e inteligente, com diversas representações.

O autor deste livro, o poeta Abelardo Nogueira, é proprietário de um estilo criativo e possui visível talento para criar, o que prova seu largo conhecimento sobre os sentimentos e as relações humanas, sendo, com certeza, um leitor contumaz.

A melodia e a rima contidas neste Poetizando Sonhos encantam-nos e conduzem-nos a perceber o significado de cada expressão, apresentando-nos um amplo e impactante mundo desenhado pelas palavras. Assim, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, por meio do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp, orgulhosamente, disponibiliza esta obra que possibilita diversas visões de mundo, como forma de levar aos leitores o que há de boa literatura dentro do mundo da cultura.

**João Milton Cunha de Miranda**

Presidente do Instituto de Estudos e Pesquisas  
sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará



## *Sumário*

Itinerário.....	17
Por conseguinte.....	18
O cais.....	19
Referências.....	20
Cidade noturna.....	21
Ciúme.....	22
Dia das Mães.....	23
Encantos.....	24
Ser tão cearense.....	24
O coração de quem ama.....	26
Escalada.....	27
História da criação.....	29
João Filó.....	32
A mulher que amo.....	33
Senna.....	34
O cair da noite na praça da matriz.....	36
O Pindaíra.....	37
Reminiscências.....	38
A partida.....	39
Só.....	41
O adeus ao Mestre Messias Holanda.....	42
26 de março de 2018.....	42
O cair da tarde na praça do Cigs.....	45
Busca Itinerante.....	46
Preta, pretinha.....	47
Vida boa.....	48
Voar, voar.....	49
Saudade.....	50
A cadeia.....	50
Minha Cruz.....	51
Minha esposa.....	52
Ternura divina.....	53
Como, quando.....	54
Epigrama.....	56
Uma moça é uma flor.....	57

O dia .....	59
Saudosismo.....	59
Princípio da humanidade .....	60
O poeta .....	60
Inspiração .....	61
Aniversário .....	61
Símbolos de Aracoiaba.....	62
Pedra aguda.....	62
Pedra da Tamanca .....	62
Ponte do trem.....	63
Estação ferroviária .....	63
Vã filosofia.....	64
Frenesi .....	65
O meu amigo João .....	66
Não há nada mais bonito!.....	67
A construção.....	69
Solidão .....	70
Moro no meio do mundo .....	71
Lembranças .....	72
Amar.....	73
O Ribeirinho .....	74
Desabafo .....	75
Seu Antonio Joventino.....	76
Vagão .....	78
Sonetinho de amor distante.....	79
O meu torrão .....	80
Súplica.....	82
Coisas.....	83
Mulher amável.....	84
Ceará.....	85
Ser Humano .....	87
Simplismente Maria .....	88
Num segundo.....	90
Aracoiaba, minha terra natal.....	91
Francisco Lima Freitas.....	92
Ser.....	94
Pais.....	95

Advertência.....	96
Prece .....	97
Quisera .....	99
Infinito amor.....	100
Poetas .....	101
Estudo.....	102
O vale.....	103
O cortejo .....	104
Águas do Rio Mar .....	105
Acróstico .....	106
Artemiza.....	107
Contemplação.....	108
Coisas de mim .....	109
Um novo dia .....	110
O suíço.....	111
O retirante .....	114
O anoitecer na praia de Iracema.....	115
Alegria Sertaneja.....	116
A festa passarineira.....	117
O tempo .....	119
O amanhecer .....	121
Se .....	122
Gratidão.....	123
O Seringueiro.....	124
A chegada do inverno .....	125
Rio Aracoiaba .....	126
Casa de farinha .....	127
Constatação .....	128
O crepúsculo .....	128
Amor proibido.....	129
Fonte de cultura .....	129
Presente de páscoa.....	130
O anoitecer em Várzea Queimada .....	131
Minha mãe... ..	133
Tempo, discernimento e recordação.....	135
Século XXI .....	136
Paixão.....	140

Educação .....	141
A janela .....	143
Amor .....	145
Insigne ser .....	146
Sônia .....	147
Tudo .....	148
Acróstico .....	149
Considerações .....	150
A seca do quinze .....	152
Lembranças de minha vó .....	155
Apelo .....	156
Passa tempo .....	156
Quando chove no sertão .....	158
Além de mim .....	160
O sertanejo .....	161
O Arco .....	162
Mulher .....	164
Amor .....	165
Você .....	166
Perspicácia .....	167
Viver .....	167
Bom dia .....	168
Enlevo .....	169
O carnaval .....	169
Vida, o bem maior .....	170
Enfim... ..	171
O pilão .....	171
Aracoiaba, antiga Canoa .....	174
Ana Maria Nascimento .....	175
O Sábado .....	177
Devaneio .....	178
O dia em que nasceu um gênio .....	179
O pescador .....	180
Citações .....	183
Sobre o autor .....	184

## *Itinerário*

Tu! ...  
Quão sublime ser  
Que ousou nascer  
E desabrochar.  
Qual flor perfumosa.  
E brilhar, como estrela mimosa.  
E colorir o meu eu.  
E dedicar minha sina  
Minha alma campesina  
Meu rústico eternizar.  
Meu simples pretender  
Meu querer dizer, eis-me aqui!  
Já te busquei nas plagas nordestinas  
Que seja, nortistas, andinas...  
Vi-te envolto a mim, como bel prazer.  
E na candura, ei-la vultosa.  
Ó ares da manhã dengosa  
Ó brisa do entardecer.  
Já te cruzei nas idas mais longínquas  
Já te encontrei nas vindas mais profícuas  
E te segui por caminhos suntuosos.  
Protegi-te dos vales espinhosos  
E sem mais porquês,  
Não te perco nem na aridez do instinto.  
Além de tudo, em tudo sempre sinto.  
Que tudo enfim, me leva a Ti.

E como não te ver  
Se antes te enxergo.  
Se jamais te nego  
E tu me norteias  
Se não és alheia  
Se a ti, conheço.  
Se acaso mereço  
E se assim o for,  
Dê-me o teu amor  
Como um justo preço.

### *Por conseguinte...*

Certo, posto que somente,  
É o fim que nos espera.  
Cada um que se supera  
Como todos igualmente  
Pois, terá à sua frente,  
Numa ordem decrescida  
Pelo julgo da partida  
O decrepitar da sorte  
Onde o fraco e o forte  
Enfim, são iguais na vida.

## *O cais*

Porto de Santana - Macapá

Ainda distante, já vistoso, porém,

O navio se aproxima!

E aos olhos de quem ansioso o espera, eis a trazer tantos sonhos, algo que era antes de partir, apenas um desejo norteado pela vontade de chegar.

Comumente, pois, já perto buzina, fazendo-se notável e tanto.

Quão grandioso, reduz-se à calma, e num querer, portanto, prepara-se para a atracação.

Quanta ansiedade!

Tanta comoção!

A vislumbrar indiferente o cais

Todos se veem, sem nenhum jamais.

E assim, volvendo-se e a se defrontar, tal qual um formigueiro, posto que relutam num pretender inteiro buscando achar, entre idas e vindas, o lugar que cabe,

O mais próximo, quem sabe.

O abraço a ser dado

O dizer esperado

As boas vindas...

O encontro fatal!

Todavia, aos poucos vão descendo e se arrebanhando.

E por fim, se misturando,

E, de tal modo tão distintamente,

Cada um cumpre, diferente,

Um gesto tão igual.

## *Referências*

As vivências que guardamos  
Na vida é sabedoria  
Alento pra se viver.

Miscelânea de saudade...  
Ato de se retratar  
Revelando em gestos nobres  
Inda que sem perceber,  
A face do ser humano.

Numa ciranda de estrelas  
A vida enfim, se envaidece.  
Sorte de quem se irradia  
Com uma glória advinda.  
Importa não esquecer  
Maranguape-personalidades  
E conflitos, sua história,  
Nas nuances do caminho  
Toda alegria transborda  
Ocultada em seu silêncio.

**Professora, escritora e poetisa aracoibense,  
reconhecidamente consagrada pelo seu talento, pelas suas obras e  
pelas tantas academias que integra.**

## *Cidade noturna*

Ao meu amigo Duda Nogueira

Cidade nua,  
Noturna ilusão do amor.  
Luz da fantasia,  
Negra dor.  
Punhos, armas, muros e esquinas.  
Sonhos de menina,  
Risos de mulher.

Cidade bela.  
Triste sentimento.  
De gestos rudes,  
De sinistros momentos.

Ó musa do brilho,  
Teus raios tão fortes  
Iluminam a sorte de tantos andantes,  
E os teus amantes que errantes brindam o ócio,  
Instigam o suplício da paz.  
Cândida noite  
Atônita voz.  
Coração veloz.  
Lágrima que cai.  
Esquálido vulto.  
Pavor, emboscada.  
Vida acabada na penúria de um ai.  
Cidade,  
O teu desatino é luto, é guerra.  
Teu íntimo encerra cruel solidão.  
De tantos destinos e mentes sombrias.  
De fria paixão.

## *Viime*

Se a mim não basta o que sinto  
Quanto a ti, porém aceito.  
Ouvir algo a teu respeito  
Muito embora às vezes, minto.

Se, indagam por tua beleza,  
Tal seja meu otimismo  
Sou vítima de egoísmo  
E finjo não ter certeza.

Quando esqueço, então e falo,  
Antes que ouçam, me calo,  
Sem que a ti por mim conheçam.

Pois, assim velando o medo  
Tudo que faço é segredo,  
Para que os outros te esqueçam.

## *Dia das Mães*

Treze de maio, um dia  
de festa no calendário.  
De quem é mais importante  
no mais nobre relicário:  
a minha sagrada mãe,  
pois, é seu aniversário.

Parabéns a todas elas,  
queremos lhes dedicar  
os melhores dos presentes,  
conforme se possa dar  
e as bênçãos mais merecidas  
que já se pôde ganhar.

Tamanho é sua grandeza  
que poucos acham medida.  
Mas, a quem ousa enxergar,  
não passa despercebida  
e descobre que elas são  
a melhor coisa da vida.

Porque delas existimos,  
devemos reconhecer.  
Os méritos que tem elas,  
a graça de conceber,  
aquilo que elas nos dão  
nunca vamos devolver.

E já que só se tem uma  
e não há valor cobrado;  
porque amor não se vende  
vem de Deus e é doado,  
só nos resta lhes dizer:  
ó mamãe, muito obrigado!

## *Encantos*

Encantos veem meus olhos,  
Suma e pura divindade.  
Se não me engano, é verdade,  
São dotes de criatura.

Delíneo de uma escultura  
Emoldurada em pessoa.  
Cujo olhar brilha, ressoa.  
Como um prisma reluzente.

Seu corpo é como a nascente  
Descortinando a pureza.  
Obra que a mãe natureza

Com todo zelo criou.  
Pôs no mundo e consagrou  
Como mostra de beleza.

## *Ser tão cearense*

**Poesia matuta**

Ser cearense é pai d'égua,  
Coisa boa de querer.  
A gente não se encabula,  
Não tem vergonha de ser  
E nem precisa aprender,

Cabra assim, já nasce feito,  
Não carece inventar jeito  
Basta usar categoria,  
Provar que tem serventia  
Para qualquer um sujeito.

Um arriégua aqui,  
Um macho véi, acolá,  
Tu és doido, abestado!  
Tu és lá do Ceará  
Se diz só pra variar.  
Muiesinha, cadê tu?  
Ô bicho véi presepeiro  
Caba fêi e sem dinheiro  
Cabeça chata, rapaz  
Tô nem aí, tanto faz  
Eu gosto é do meu roteiro.

Quem quiser virar o disco  
E se meter a gabola,  
Que vá pra baixa da égua  
E procurar outra escola.  
Pra cearense não cola  
Ficar nesse vai e vem.  
E você que ainda tem  
Vergonha do que se diz,  
Dê valor tua raiz  
E seja feliz também

## *O coração de quem ama*

O coração de quem ama  
É doce sonho é celeiro  
É raio de luz é cheiro  
De primavera a florir  
É flora diversa é brilho  
De um vasto céu fulgurante  
É uma busca incessante  
Por uma glória a surgir.

Qual universo guardado  
É um mistério ou tesouro  
É luzente igual o ouro  
É feito chuva a correr  
É rio que nunca seca  
É a margem que se banha  
É como a paixão que assanha  
A volúpia do querer.

É uma fonte que exala  
Toda sorte, e a mais altiva,  
É mais que relíquia viva  
Ou qualquer força advinda  
É razão de tudo o quanto  
Que por fim da vida emana  
É o ascender de uma chama  
Que só cresce e nunca finda.

## *Escalada*

Escalei os degraus do pensamento.  
Debrucei-me nos raios do crepúsculo  
Vi nascer o dia.  
Sorri...  
Sorri à cândida visão.  
Contemplei o sol.  
Chorei ao torpor dos corpos em desalento.  
Caminhei sobre a poeira e corri à pressa incoibível do tempo.  
Minhas pegadas fincaram-nas no chão.  
Calei-me ao desatino dos espíritos.  
Fi-os acalmarem-se com minha mansidão.  
Ponderei!  
Exultei no silêncio a bonança de minha alma.  
Depois falei..  
Falei ao criador.  
Invoquei-o.  
Maravilhei-me nas suas obras,  
E expurguei-me na sua onisciência.  
Encantei-me na sabedoria dos pensadores.

Suas palavras devastadas pelo tempo...  
Imaginei-as.  
Ouvi a voz dos poetas.  
Li-os.  
Consumi suas páginas.  
Cantei...  
Da infância saudosa de Lobato

A canção da América.  
Ah! Quantos Miltons houvesse!  
Desbravei o preconceito, exterminei-o.  
Fiz tocar o canto de Vândré  
E contemplei os torturados pela História.  
Respirei.  
Então segui...  
Enxuguei o meu rosto transpirado.  
Os meus passos tornaram-se mais longos.  
Culminei o horizonte longínquo do meu olhar.  
Atravessei o deserto da minha ilusão.  
E cheguei.  
Por conseguinte...  
Quisera agora descansar, somente...  
E depois continuar.

## *História da criação*

No princípio foi assim:  
Nosso Pai Celestial  
Criou o céu e a terra,  
Mas, a terra, por sinal,  
Era sem forma e vazia  
No seu modo natural.

Reinavam, porém, as trevas,  
Nos tantos abismos seus.  
O silêncio repousava  
Em todos os apogeus,  
E pairava sobre as águas  
O Espírito de Deus.

Faça-se a luz! Deus falou.  
Fizera-se de repente.  
Logo Deus ficou contente  
E das trevas separou.  
Então Deus determinou:  
Trevas sejam noite fria.  
Porém, a luz que irradia,  
Parte visível e sã.  
Houve tarde e manhã  
E foi o primeiro dia.

Seja feito o Firmamento!  
Eis que fora sem demora.  
Disse Deus: que haja agora,  
Entre as águas do relento,  
Um infindo afastamento.  
Assim se fez, todavia.  
Deus chamou com alegria  
De céus, qual sublime afã.  
Houve tarde e manhã  
E foi o segundo dia.

Disse Deus: formem-se os mares  
Venha a terra aparecer.  
E nela veio a nascer  
Relva, matas e pomares.  
Das espécies, os milhares,  
De toda sorte que havia.  
Vendo, Deus, a serventia,  
Contentou-se em seu divã  
Houve tarde e manhã  
E foi o terceiro dia.

Haja astros, Deus dissera!  
Para os céus iluminar.,  
Dos quais, dois pra regular,  
Dia, noite, ano e era.  
Seja o sol tão grande esfera  
E a lua tenha magia.  
Trevas, não terão valia,  
Sem fulgor é coisa vã.  
Houve tarde e manhã  
Eis que foi o quarto dia.

Encham-se as águas de vidas  
De toda espécie e tamanhos.  
Monstros marinhos, estranhos,  
Aves sejam concebidas  
E voem sem ter medidas,  
E na vastidão vazia,  
Disse Deus: mesmo sem guia,  
Terão sorte cortêsã.  
Houve tarde e manhã  
Eis que foi o quinto dia

Disse Deus: tenha animais  
Na terra, haja bonança.  
Mansos e sem temperança,  
Também, répteis e outros mais.  
Fez o homem, pôs sinais,  
Deu poder e autonomia  
Pra dominar toda cria  
Que devotou ao seu clã.  
Houve tarde e manhã  
Eis que foi o sexto dia.

Concluiu Deus, com intento,  
O feito da criação.  
Em seis dias, e viu o quão,  
Fora bom o seu invento.  
O sábado, pois, atento,  
Santificou-o sem porfia  
Contemplou em harmonia  
A sua obra louçã.  
Houve tarde e manhã  
E foi o sétimo dia.

## *João Filó*

**Os que consultam a história  
Refletem admirados  
Sobre a imorredoura glória  
Da arte antiga e notória  
Dos menestréis inspirados.  
(Francisco das Chagas Soares )**

Cantando as coisas da vida  
Com a viola no peito  
João Filó fez com respeito  
Do seu verso sua lida.

No ofício da "cantoria"  
Jamais fora derrotado  
Pois desbravou seu legado  
Com zelo e sabedoria.

Foi mestre no seu repente  
Versejou pelo sertão  
Fez mote, rima e canção.  
Encantou a muita gente.

Hoje o estro cancionista  
Apenas lhe faz lembrar:  
Foi poeta popular  
E cantador brasileiro.

## *A mulher que amo*

A mulher que eu amo  
É como uma fonte  
Que jorra no monte  
E, molhando o chão,  
Espalha com zelo  
Ao viço da flor  
Um exímio frescor  
Em alta estação.

Jorra leve, altiva,  
Tácita brancura,  
Exibindo a candura  
De sua pureza.  
Seu doce amavio  
Qual flora cheirosa  
Dá perfume à rosa  
E vida à beleza.

A mulher que eu amo  
É como um poema,  
Tem cor de Iracema  
E o gesto que aclama  
O instinto bravio  
E acalma e acende,  
É a musa que prende

Um coração que ama.  
Caminha à sombra  
Pela terra estranha.  
E se despe e se banha  
Em outro oceano.  
Distinta se porta  
Á virtude e tanta  
Pois é como santa  
A mulher que amo.

## *Senna*

**Uma família do Distrito de Jaguarão, Aracoiaba-Ce.**

Abeirando a estrada,  
Sob a tênue poeira do tempo, ali está;  
Distinta como nenhuma,  
Infundida nas reminiscências de um então,  
Indelével e tão serena,  
A estirpe de uma  
"Senna",  
Família de tradição.  
Traços de um apogeu  
A refletir os gestos afanados  
De ir e voltar de tantos eus,  
Em busca de si.  
A casa de esquina...  
O comércio...  
O trânsito que não para...

O pau-de-arara,  
Um vislumbre à pedra aguda  
Um distinto gosto  
Um sorriso no rosto  
Um aceno à vida.  
"Senna",  
Ativa, tranquila!  
Gente que perfila  
Sonhos, gratidão.  
"Senna",  
Qual lume que irradia  
A vila,  
O dia a dia,  
O jaguarão!  
"Senna",  
Quão desvelo!  
Ou certamente...  
Mais que raramente,  
Zelo, ou algo, enfim...  
"Senna",  
Parece pequena  
Como um "poema."  
Mas, um poema às vezes tanto diz de tão pequeno que  
basta um pouco ou menos para transbordar.  
"Senna",  
Vê-se em si!  
Sempre a prosseguir  
Sem o ato acabar!...

## *O cair da noite na praça da matriz*

Rio Branco, abril de 2003

Blém, blém, blém!...  
O sino da matriz soa renitente.  
Seis pancadas, seis horas...  
Vai-se o dia calmamente  
Como uma embarcação.  
O Sol inclinando-se no horizonte  
Mergulha no crepúsculo reluzente,  
Aberto como um leque de belezas  
E eternas grandezas  
Cuja vastidão do universo  
Incessante, ousa contemplar.  
A noite vem!...  
Mansamente como a nau que se aproxima.  
Com ela a beleza terna, feminina,  
De uma musa tão serena a que o azul do céu  
Se curva a admirar.  
Acendem-se as luzes.  
Os sonhos se enfeitam.  
A praça se ilumina.  
Na matriz, os fiéis adentram piedosos.  
Nos bancos, corpos se entrelaçam,  
Ávidos, ardorosos...  
Enquanto o vento sopra itinerante,  
A volúpia dos amantes,  
O cheiro da colina,  
O perfume dos jardins.  
Eis que anoitece.  
A lua envaidecida aparece  
Sobre a claridade da cidade.  
É noite, enfim!...

## *O Pindairra*

Tenho no peito alegria  
De poder ser trovador,  
Isto me dá euforia  
Nestes meus cantos de amor  
(Vera Austragésilo)

Homem simples do sertão  
Um distinto glosador  
Que demonstrou seu valor  
Com altiva retidão  
Bem doou seu coração  
E amou alguém um dia  
Porém foi a poesia  
A sua maior paixão.

De olhar firme e sorridente  
A descrever com presteza  
Qualquer ato de nobreza  
Ou que fosse simplesmente  
Um encanto, um de repente,  
Algo mais ou coisa à toa  
"Enfim", era rima boa,  
Fazia-lhe, pois, contente.

Qual sorte lhe concebida  
Que fonte tão bonançosa?  
Seu poetar, sua prosa,  
Sua obra enaltecida.  
E assim ponderando a lida  
Sua arte foi completa  
Pois nascer e ser poeta,  
Foi seu presente da vida.

## *Reminiscências*

**Em memória de meu Irmão.**

**“Eternas Lembranças”**

Já conhecestes a morada  
Onde o Senhor preparou  
A triunfante chegada  
O Arcanjo que te levou.

Nós louvamos a bondade  
O proceder improfano  
Guiaste ao Ser Soberano  
Um princípio de verdade  
Em glória fez-se a vontade  
Imortal, eternecida  
Reminiscências da vida  
A nós ficou a saudade.

## *A partida*

Não me procure mais...  
Pois não me encontro aqui.

Não me faça perguntas  
Meu silêncio já te respondeu.

Não olhe para mim.  
Estou enxergando além.

Não comas comigo,  
Já me saciei.

Não mostre o que és,  
Pois te conheço!

Não importa o que achas de mim,  
De mim, importa o que sou.

Não te escondas jamais,  
Não te buscarei.

Não precisas lembrar  
Posto que esqueci.

Não me agradeças  
O que fiz por ti só já valeu.

Não te percas em teus pensamentos  
Eis que me achei fora dos meus

Não tropeces no meu rastro  
Já os apaguei.

Não toques em mim  
Minha sombra reclama.

Não esperes um feito  
De tudo já fiz.

Não me compares a tal...  
Igual, nunca serei.

Não me ignores o gesto  
Mais vale o meu ato.

Não grites tão alto  
Estou ouvindo a mim.

Não penses que estou só  
Tenho um eu comigo

Não aches que tens tudo  
Sei o que te falta

Não tenhas tanta pressa  
O tempo é ponderado.

Não evites a mim  
Já não me incomodas.

Não sentes comigo  
Estou me retirando.

Não esperes por mim  
Eis que já saí...

## *Só*

Duas letras formam o "só".  
Veja que contradição.  
Se "só," é coisa de "um",  
E um só, não é dois, não...  
Como é que "s" e "o"  
Provam tal afirmação?

Então, "só," é descabido.  
E só por si só, se explica.  
Porém é o acento agudo  
Que por sobre o "o" se aplica  
A única das razões  
Pelas quais se justifica.

Se o "só", pois, não fosse tônico.  
Nem o "o," acentuado.  
"Só," seria outra coisa.  
Outro significado  
"Só", não queria dizer,  
Alguém desacompanhado.

Mas como o "só", só não é,  
E de só nada se tem  
"Só", é palavra fingida,  
E somente para alguém  
Que só não vê que na vida  
"Só", não vive sem ninguém.

*Adeus ao Mestre Messias Holanda*  
*26 de março de 2018*

A música cearense  
Outra vez se despediu  
De mais um ilustre filho  
Que honrou o seu perfil  
De artista e de ser humano  
E seguindo em outro plano  
Deu-nos adeus e partiu

Tantos outros já se foram  
Por certo em seus cumprimentos  
Deus achou por bem chama-lo  
Pro descanso ou aposentos  
Não por não mais agradar  
Talvez para os agendar  
Noutros futuros inventos

Ficamos por fim, em luto  
De alguém que um dia nasceu  
Com o destino inerente  
À sina que Deus lhe deu  
Cuja arte em harmonia  
Fez-se nele serventia  
Em tudo que concebeu

Toda a vida dedicada  
Ao ofício de cantar  
Alegrando a todos nós  
Chegando até consolar  
Os que guardam a história  
E ousam ter na memória  
Os heróis para lembrar

Impossível esquecer  
Toda sua produção  
Os bons tempos em que o rádio  
Não tinha poluição  
E, tocava, na verdade  
Música de qualidade  
Em sua programação

Sucessos eternizaram  
O seu gosto forrozeiro  
Feitos com carinho e arte  
Não em troca de dinheiro  
Letras, simples melodia  
Compunha a discografia  
Desse gênio cancionista

Fiel às suas origens  
Seu estilo, na verdade  
Moldava-se com respeito  
E tal criatividade  
Em temas que, divertidos  
Usavam duplos sentidos  
Porém, com moralidade

Um talento itinerante  
Sua música se expandiu  
No Ceará, no Nordeste  
E entre outros se ouviu  
Ganhando o gosto notório  
Entrou para o repertório  
Dos cantores do Brasil

Sua voz inconfundível  
Seu jeito peculiar  
Todos que o acompanhavam  
Esse homem exemplar  
Gozavam da primazia  
Nas notas, na harmonia  
No desejo popular

Setenta e seis anos foram  
Sua benquista existência  
Os palcos sua guarida  
Também fonte de influência  
Servindo de inspiração  
Pra esta altiva missão  
Sua eterna preferência

Todos logo lamentamos  
O seu aceno final  
Ao passo que agradecemos  
De maneira triunfal  
Por esse tal baluarte  
Que engrandeceu nossa arte  
Com seu legado imortal

Esta saga resumida  
A qual cheia de bravura  
Rende justa homenagem  
A tão distinta figura  
Que entre nós, pois, já não anda  
Nosso MESSIAS HOLANDA  
Herói da nossa cultura.

## *O cair da tarde na praça do Cigs*

Manaus-Am

Meio dia! Calor, o céu cintila,  
Contente a bicharada em brincadeiras,  
Lúdicas pela mata, e as palmeiras,  
No alto exibem pompa e clorofila.

Vão-se os carros cruzando na avenida  
Freme o asfalto grita, abrasador.  
Distinto um solitário beija-flor  
Flertêa uma roseira colorida.

Vai-se o sol, cai a chuva bruscamente!  
No horizonte um lampejo reluzente  
Risca o céu, sinuoso ao seu clarão.

Denso o bosque goteja em ventanias,  
Os pássaros entoam melodias,  
Sorri a praça num gesto de benção.

**CIGS – Centro de Instrução de Guerra na Selva - é uma área militar entre a qual está localizado o zoológico. O CIGS é uma referência nacional e de grande importância para a região.**

**Em Manaus, ir ao zoológico é estar em perfeita harmonia com a natureza e, ao mesmo tempo, em contato com a fauna amazônica.**

## *Busca Itinerante*

Goiânia, dezembro de 2015

Eis que me norteia, o teu querer pungente.  
Por caminhos longos e fontes tão puras  
Com renhidas forças e sanas loucuras  
Contemplando o brilho de um sonhar contente.

Qual sorte me guia sem volver-me à dor  
Quão distinto gesto sempre a revelar  
O primor dos atos a eternizar  
O sublime zelo por um grande amor.

E por fim, sem pejo, medo ou desalento,  
Cujo ego cheio de contentamento  
Urge por direito, em mim, pois, transbordar.

Como o rio segue tão perenemente,  
Vou ao teu encontro, qual água corrente,  
Que busca o destino, o infindo mar!

## *Preta, pretinha*

**“Forma carinhosa” homenagem prestada a uma  
Maranhense “símbolo da grandeza desse povo e da beleza  
desse Estado”**

Preta, pretinha  
Alma branca  
Alvinha...  
Como o algodão

Preta, pretinha  
Cor da vida  
Negrinha...  
Flor do Maranhão.

Preta, pretinha  
Sábia, lutas,  
Caminhas...  
Relevante chão.

Preta, pretinha  
És alento  
À minha...  
Vã compreensão.

## *Vida boa*

Nasci no interior  
Numa casa pobrezinha  
Sem ter piso, sem pintura  
Dormia numa redinha  
Tomava leite de cabra  
Mingau de goma e farinha  
Meu pai plantava feijão  
Criava porco e galinha  
Minha mãe fazia renda  
E remendava a roupinha  
Lá não tinha geladeira  
Mas tinha pote e quartinha  
A gente fazia reza  
E cantava ladainha  
Eu fazia meu brinquedo  
Porque dinheiro não tinha  
Pisava arroz no pilão  
Comia açúcar e farinha  
Andava de pés no chão  
Com a barriga cheinha  
Estudava tabuada  
Na cartilha da vizinha  
Mas cresci honesto e digno  
E nunca sai da linha  
Jamais esqueço o que fui  
Sempre amei minha terrinha  
Agradeço a deus por tudo  
Vou morrer e nunca mudo  
Pois, vida boa é a minha!...

## *Voar, voar...*

### **A bordo de um avião de Manaus à Fortaleza**

Voar, voar...  
Além das nuvens  
Branças como o algodão.  
Calma como a minha alma!

Voar, voar...  
Como a imaginação.  
Subir à imensidão  
Contemplar Deus!

Voar, voar...  
Como os sonhos meus  
Admirar o céu  
A grandeza infinda!

Voar, voar...  
Como a andorinha  
Que rasa sozinha  
Sem preocupação!

Voar, voar...  
Buscar a razão  
Vislumbrar o chão  
E o compreender!

Voar, voar...  
Qual distinta sorte  
Ter o sul e o norte  
Envoltos, sem fim!

Voar, voar...  
Como um certo eu  
Que de tanto seu  
Nunca sai de mim.

## *Saudade*

A saudade é companheira  
De quem vive sem ninguém.  
É dor que dói, mas conforta,  
É tortura que faz bem  
É contente descontente  
De ter algo que não tem  
É presença que não supre  
A ausência de alguém.

## *A cadeia*

Um dia nesse lugar  
Foi um réu, prisioneiro.  
Teve como companheiro  
O silêncio, a lhe gritar.

Errou, em não acertar,  
Foi-se o tempo e a idade.  
Mas, por sorte, na verdade  
Encontrou compreensão  
E descobriu na prisão  
O valor da liberdade.

### *Minha Cruz*

Queria ser exclusivo  
Como objetos de agrados  
Dos quais eu fosse motivo  
Pros seus dotes e pecados.

Tocar o seu corpo quando  
Muito embora que fugindo,  
O meu carinho evitando  
E de ufania sorrindo.

Pois se a dor que me agonia  
Ao menos lhe fosse intento  
Por mim, talvez sentiria,  
A força deste tormento.

Mas ainda que em pedaços  
O seu amor me conduz  
Pela vida aos seus braços  
Que abertos são minha cruz.

# *Minha esposa*

**Aldeídes Félixfurtado Nogueira**

Minha esposa, um nobre invento  
Que a vida já concebeu.  
Por certo Deus escolheu  
Com desvelo ao seu contento.  
- Seria merecimento,  
Talvez sorte ou coisa e tal?  
Só sei, portanto, afinal,  
Que para melhor dizer,  
És de fato, um grande ser,  
Por demais, especial

## *Ternura divina*

**A coleção mais valiosa  
É a das boas ações  
E o mais belo heroísmo  
Está na coragem de ser bom  
(Autor desconhecido)**

Qual sopro de vida  
Que a morte conduz  
Aos braços da cruz  
Na eterna partida.

Que grande segredo  
Qual sono profundo  
Cujo em vida o mundo  
Não sucumbe o medo.

Se lume, somente,  
Se é gozo contente  
Ou algo que apraz.

Se é força que acalma,  
É conforto à alma  
Que semeou paz.

## *Como, quando...*

Comumente, como "sim".

Quando "não", não se compara.

Como tudo, quando apenas.

Como a única, quando rara.

Como traços, quando marca.

Como face, quando cara.

Quatro letras, quando juntas.

Qual palavra conjugada.

Forma o tudo, quando todo.

Como ausência, forma o nada.

Como o vasto, quando infindo.

Quando nuvem dispersada.

Como espaço, quando mundo.

Quando a sorte é um segundo.

Como quando eternizada.

Quando tudo se divide.

Como a dor e a saudade.

Quando a opressão incide.

Como vale a liberdade.

Como qualquer um, "somente"

Quando o "mente" é como o "só"

Como o "um" quer ser melhor.

Quando o "o" é definido.

Como se tomar partido.

Quando ao menos não se parte.  
Como mensurar a arte.  
Quando é desconhecido.  
Como muito receber.  
Quando pouco se pretende.  
Como fácil se complica  
Quando não se compreende.  
Como coisas atrapalham.  
Quando apenas coisas, são.  
Como deter a razão  
Quando a ela não se afina.  
Como a perda nos ensina.  
Quando a busca já não acha.

Como a humildade é graça  
Quando o saber se cultua.  
Como o orgulho desvirtua  
Quando a quem dele não passa.  
Como ser merecedor.  
Quando à dor, não se merece.  
Como o suor enobrece.  
Quando digno, contribui.  
Como algo evolui.  
Quando o espírito se abnega.  
Como olhar tudo que ver.  
Quando vendo não enxerga.

Como às vezes se escorrega  
Quando se julga o mais hábil.  
Como o tolo vira sábio  
Quando fica em silêncio.  
Como não sentir-se imenso  
Quando o próximo é menor.  
Como querer ficar só.  
Quando nem a si, suporta.  
Como enfim, a vida exorta.  
Como, quando, vejam só!...

## *Epigrama*

Qual ousadia temida  
Se até com a própria vida  
O destino foi brejeiro.

Pois nasceu pobre o mais hábil  
Nunca estudou e foi sábio,  
O filho de carpinteiro

## *Uma moça é uma flor*

**Uma moça é uma flor  
Linda, pura, casta e bela  
O jardim tem que criá-la  
E depois fica sem ela.  
(João Pereira Lima)**

**“O Pindaíra”**

No jardim ei-la semente  
Nasce nua e, bem regada,  
Cresce esbelta e endeusada  
Por seu pudor, inocente.  
Quando grande e cadente  
Com sua doçura e cor  
O perfume é o amor  
Entre as pétalas da idade  
O feitio é a beldade  
Uma moça é uma flor.

Nos sorrisos elegantes  
Por cujo primor, a vida,  
Flui do âmago, contida,  
Em dotes tão enlevantes;  
Tudo é bom e as mais brilhantes  
Primazias que constela  
Ontem flor, hoje donzela,  
Já perfeita o seu perfil  
É como a rosa que abriu  
Linda, pura, casta e bela.

Dentre o verde eis o encanto  
Cujo tempo agora sente.  
Ao jardim reluz contente  
Em grandezas que sem manto  
Traz ao mundo em si, um canto,  
Que a todo ser, toca e cala.  
Flor ou imagem se iguala  
As simetrias tão certas  
Que a vida tem-nas abertas,  
O jardim tem que criá-la.

Quando a primavera vem  
Desponta o jardim florido.  
Como um pólen desprendido  
Que a flor já não mais detém,  
Qual moça a florir também  
Ao seu amor se revela  
E toda candura, bela,  
Um dia sente-se amada  
O jardim vê-la criada  
E depois fica sem ela

## *O dia*

O dia é um jovem de face límpida,  
Namorando a lua na varanda  
E reclamando nas noites escuras.

## *Saudosismo*

Meu agreste poetar  
É chuva, é sol é saudade,  
É torrente vaidade  
De "serra, sertão e mar"

Meu linguajar lisonjeiro  
É campesino, é garboso,  
É real vernaculoso  
É prosaico e matuteiro.

Meu versejo amalgamado,  
É grosseiro, é leve é fino.  
Meu chão é alencarino  
Meu rimar, sertanejado.

Meu sotaque arigoense  
É carranca, ou simpatia.  
Teima raça, e alegria...  
São coisas de cearense.

## *Princípio da humanidade*

A areia é fina  
Vai engrossando  
E forma uma rocha  
E forma uma montanha  
E forma um mistério  
E forma o mundo.  
(Júlio Derzi)

Tudo aconteceu num sono.  
Um sono forte,  
Talvez o mais profundo!  
Sem medo, eis que alguém...  
- Porventura corajoso?  
Não refletiu sobre os mistérios.  
Não hesitou.  
Não ousou sequer imaginar  
O que aconteceria...  
Até porque ninguém desconfiava  
Ou porque, certamente,  
Não havia mesmo ninguém.

## *O poeta*

Incógnito caminha o poeta.  
A imaginação absorta em cada passo;  
Aos trêmulos e agudos ruídos  
O inevitável barulho das ruas  
E o fatal encontro de rústicos olhares.

## *Inspiração*

Quão prodígio é a vida  
Quando por amor se vive  
O milagre de ser feliz!

## *Aniversário*

Qual distinta sorte logra qualquer ser,  
O passar dos anos é a maior prova.  
De que se envelhece, quando se renova,  
Tanto se evolui a cada amanhecer.

Os dias são úteis se a eles se dão,  
O valor sublime de um novo momento  
Quão desvelo a tudo tal o encantamento,  
Todos os instantes se eternizarão.

O tempo caminha, pois, regularmente,  
Não para, não corre, não fica demente,  
Mas, urge, contudo, se perpetuar.

A vida se mostra por vários caminhos  
De pedras e flores ou muitos espinhos  
Mas quem busca o certo não se perderá.

## *Símbolos de Aracoiaba*

### *Pedra aguda*

Qual insigne escudeiro  
Do atalaia mui valente  
Pedra aguda, imponente,  
Monólito, visioneiro.  
Vistosa, ei-la o roteiro,  
Da lendária realeza  
Que logrando da beleza  
Tão relevante descerra,  
Um marco da nossa terra  
Presente da natureza.

### *Pedra da Tamanca*

Sinuosa ao horizonte  
Alegre, num riso só.  
Junto às curvas do (rio) Choró  
Aos olhares, que defronte,  
Lisonjeiam terna fonte  
Cujos nomes bem condiz  
Entre tantos os perfis  
Qual ventura contagia  
Ao nascer de cada dia  
Tornando-o mais feliz.

## *Ponte do trem*

Antiga ponte de ferro sobre o rio Aracoiaba

Acalmada sobre o rio  
Entre o verde, tão fagueira,  
Simples, mostra-se faceira,  
Ativa enquanto sutil  
Ao apreço de quem viu  
Coisa igual, eis que não tem,  
Porquanto sem ter desdém  
É um flerte em toda parte  
Enquanto obra de arte  
Tal nos orgulha, porém...

## *Estação ferroviária*

**Atualmente em pleno abandono, amarga as consequências,  
do descaso e da falta de atenção pelos órgãos responsáveis estando  
fadada à destruição total.**

Áurea representação  
Da riqueza e da cultura  
Que jaz na mera postura  
Da negligenciação  
Diria talvez, o quão,  
Se pudesse ser notada  
Que já foi alcatifada  
Enquanto perde a memória,  
ERA UMA VEZ NA HISTÓRIA  
Uma "ESTAÇÃO" hoje nada.

## *Vã filosofia*

Tem gente que não é rato  
Mas vive roendo o dedo.  
Tem gente que é valentão  
Mas de barata tem medo.  
Tem gente que embora mudo,  
Não pode guardar segredo.

Tem gente que com o silêncio  
Responde qualquer questão.  
Tem gente que sabe muito  
Mas não tem compreensão.  
Tem gente rica em dinheiro  
Mas pobre de coração.

Tem gente que constrói tudo  
Mas não tece uma teia.  
Tem gente que se embeleza  
Mas por dentro fica feia.  
Tem gente que esquece a vida  
Pra lembrar a vida alheia.

Tem gente que sobe ao alto  
Só pra mostrar que é pequeno.  
Tem gente que fala muito  
Ouve pouco e sabe menos.  
Tem gente que só semeia  
Mas não prepara o terreno.

Tem gente que cruza o mar  
Mas se afoga numa taça.  
Tem gente que nunca reza  
Mas vive pedindo graça.  
Tem gente que enxerga o mundo  
Mas não ver o que se passa.

Tem gente que se enclausura  
Pra viver com liberdade.  
Tem gente que tem poder  
Mas não tem dignidade.  
Tem gente que compra tudo  
Só não a felicidade.

## *Frenesi*

Quando a minha vista revoltada  
Culminar os arranha-céus sequiosos  
Dir-lhes-à comprimindo o frenesi:  
- Petulantes, porque desertaram o meu bosque?

## *O meu amigo João*

Ao amigo João Bosco,  
Violonista Aracoiabense

Dedilhando o violão  
Sentado à porta ficava  
Enquanto a rua passava  
O meu amigo João.

Despretensiosamente  
Sem alarde ou demasia  
-Quanta música se ouvia  
Naquele velho batente! ...

Mas quando a noite caía  
Na praça estava o João  
Concertante ao violão  
Enquanto o povo o aplaudia.

Aí sim, com todo ardor  
O meu amigo tocava  
Pra qualquer um que passava  
Fosse simples ou doutor.

Porém quando vinha a lua  
No céu azul, desfilando  
Também vinha ele voltando  
Deixando a praça e a rua.

E assim vivia o João  
Sem tristeza ou desabrigo  
Rodeado por amigos  
Abraçado ao violão

*Não há nada mais bonito!...*

**Ramas de maracujá  
Sobre a goiabeira  
De onde o sabiá  
De manhã faz canção  
(Duda Nogueira)**

Não há nada mais bonito  
Que o inverno no sertão,  
O ressoar do trovão  
Um lampejo no infinito.  
- Não há nada mais bonito!

Não há nada mais bonito  
Que no céu um revoado.  
Um carão bem afinado,  
E o seu distinto grito.  
- Não há nada mais bonito!

Não há nada mais bonito  
Dentre a mata verdejante  
O reflorir perfumante  
A andorinha ligeira,  
O rio correndo à beira

Um sabiá posto em cenas  
Sacudindo suas penas  
Nas palhas de uma palmeira.  
- Não há nada mais bonito!

Não há nada mais bonito  
Que o ronco da cachoeira  
A água ágil, ligeira.  
Sob a tênue garoa,  
O voo rasante da garça  
Os bichos todos pastando  
Um velho socó pescando  
Nas margens de uma lagoa.  
- Não há nada mais bonito!

Não há nada mais bonito  
Do que, na noite sombria.  
Ouvir o gritar da jia  
E o canto da saporada,  
O tropel de uma boiada  
O luzir do vaga-lume  
O ruído e o perfume  
Da chuva sobre a calçada.  
- Não há nada mais bonito!

Não há nada mais bonito  
Que inverno no sertão  
O milho, o arroz e o feijão  
Ver um fruto em cada galho.  
Ter o calor de um agasalho  
A alegria da fartura  
E, por fim, a fé mais pura,  
Na grandeza do trabalho.  
- Não há nada mais bonito!

## *A construção*

Tem coisas que por mais simples.

Tanto querem nos dizer!...

Imagine só, você.

Um casal de passarinhos

Que de tão pequeninhos

Quase não dava pra ver

Até parecia gente

Hábil ser, inteligente.

Na tarefa de lidar.

Um belo ninho tecia.

Mas, com tanta maestria...

Cujo esmero e a valia,

Poucos podem enxergar.

Numa ponta derradeira

De um galho de ateira

Na janela do oitão.

Eu dali, admirava.

Ela saía, ele chegava.

E faziam a construção.

Fiquei, pois, maravilhado.

De coração devotado

E contrito em meu intento

Vi que a vida é quão bem feita

E a natureza é perfeita

Ao revelar seu talento.

## *Solidão*

Ó insana solidão  
Que impiedosamente  
Arrasta à cruz.

Ó silêncio inquietante  
Que fere mansamente  
Como um malfeitor.

Ó ingrato sentimento  
Que devora a paz  
E no arbítrio confina

Ó distinta dor  
Que dolentemente  
Consome.

Ó coisas do "homem"  
Que amarga a vida.

## *Moro no meio do mundo*

**Macapá, maio de 2004.**

Moro no meio do mundo  
Bem na linha do Equador  
Longe do Ártico e Antártico  
E dos Polos Norte e Sul.

Moro perto das entranhas  
Das imponências tamanhas  
Da terra, do Ser maior,  
Do viço, verde e maciço  
De um tal eixo em reboição  
De algo extremo ao seu redor.

Moro perto do horizonte  
Onde o sol nasce e vagueia  
Onde o vento se norteia  
Cujo céu é mais azul,  
Moro num lugar brilhante  
Quão importante e, de sorte,  
Durmo à margem do Norte  
Acordo abeirando o Sul.

Moro perto do Riomar  
Da costa vasta e brejeira  
Das ondas beijando a beira

Da brisa molhando o ar.  
Dos canhões gigantes, fortes  
Empunhos na redondeza  
Da histórica Fortaleza:  
"De São José de Macapá"

## *Lembranças*

À Hosana Barbosa Paz

Aracoiaba, dezembro de 1996.

Lembro ó musa da plateia  
Fluíste meiga e, quão bela.  
Lembro o riso lembro aquela  
Face terna a vislumbrar  
Lembro olhares fulgurantes  
Que tão perspicantes fê-los  
Emergir dentre os cabelos  
Um semblante singular.

Lembro-me da mansa voz  
Sem volver-se, porém, árdua.  
Lembro altivo sobre a espádua  
Ombro reto a pompear.  
Lembro-me seios exuberantes.  
Cujo róseo amacia  
Lembro a veste que fingia  
Toda beleza ocultar.

Lembro-me gestos idílicos,  
Solícitos murmurantes.  
Lembro binários marcantes  
Num compasso regular  
Lembro-me sutil aspecto,  
Que provector se mostrava  
Se eras tenra se portava  
Como uma dama sem par.

Lembro a guitarra fremente  
Despida em tons, afinada.  
Lembro a paixão almejada  
Num encanto angelical  
Lembro-me, divina, a luz,  
Quando distinta sorrias  
Lembro enfim, quando surgias:  
- Era noite de Natal.

## *Amar*

Amar, com toda sorte nascida,  
Nascida, porém só de amor viver.  
Viver, somente amando e não morrer,  
Morrer, só por amor à vida.

## *O Ribeirinho*

**Amazônico**

Vivendo às margens dos rios  
Em meio à vegetação.  
Enraizado em seu chão  
Eis o caboclo bravio.

Sua casa mera e plena  
Não importa se pequena  
Se tudo tem ao redor...  
Se tem gritos e algazarra,  
E bichos fazendo farra  
Lá ele não vive só.

Se, tem fruto de Açaí,  
Ele pesca jaraqui  
Pra comer com macaxeira.  
De tarde não vai sair  
Deita cedo pra dormir  
E descansa a noite inteira.

De dia luta, peleja...  
Colhe frutos, vai caçar.  
Tira peixe, malhadeira,  
Vem à beira se banhar

Sua fé é bem maior  
Que a sorte ou a desventura.

A terra lhe dá fartura.  
E o verde, inspiração.  
A vida dignifica-o  
Sem fazer segregação.  
E qualquer falsa razão  
Não lhe tira o direito  
De ser visto com respeito  
Como qualquer cidadão.

## *Desabafo*

O que escrever, pois, se há esta hora,  
Muito me esforcei e no meu leito  
Eis que fiz de tudo e nada feito.  
Nem ideia veio até agora.

Acho enfim, que os pensamentos meus,  
Todos resolveram se mandar  
E saíram sem comunicar  
E se foram para outros eus.

Relutei, mas nem rima... sequer,  
Verso branco ou outro qualquer.  
Pois, surgiu para me consolar.

Resta o sono que não sei se vem.  
-Já pensou se se mandou também,  
Imagine como vou ficar?

## *Seu Antonio Joventino*

Seu Antonio Joventino  
É um distinto roceiro,  
Gente de boa conduta  
Que vive sem ter dinheiro  
Num cantinho do sertão  
Do nordeste brasileiro.

Tem um pedaço de terra,  
Uma modesta casinha,  
Uma roça e um pomar,  
Além de porco e galinha,  
Cria uma cabra de leite  
E uma mansa vaquinha.

Um jumento, uma carroça,  
Pra sua labutação.  
Sequer conhece a cidade  
Por não haver precisão,  
Seu RG, são os calos  
Cravados em cada mão.

Goza de boa saúde,  
Jamais se ouviu reclamar.  
Dorme bem, acorda cedo,  
Não deita sem meditar,  
Doença, pois, não conhece,  
Nunca teve pra contar.

Justo no proceder  
E sem usar de maldade,  
Boas coisas sempre fez,  
Aprendeu com humildade  
Que Deus nos dá o bastante,  
Tudo além, é vaidade.

Do nascente ao pôr do sol  
A terra, a mata e as cores,  
Os mares, o infinito  
O céu, os seus esplendores,  
O grande ou menor dos seres,  
Na vida tem seus valores.

Das muitas coisas que o mundo  
Insiste em oferecer,  
Joventino, não conhece,  
Tão pouco deseja ter,  
E embora pareça pobre,  
É rico sem perceber.

Neste lugar tão singelo  
Sem as ilusões servis,  
Vive um grande ser humano  
Como tantos, no país,  
Um humilde sertanejo  
Que é simples, mas, é feliz!

# Vagão

Vagão de trem

Vagão nos trilhos

Trilhos que levam o vagão.

Sorte que norteia a condução

Sonhos que se renovam a cada chegada.

- Olhares que se cruzam

- Palavras que se perdem

- Silêncio que reclama...

- Peleja que move ao sedento descanso.

Vagão!...

Renitente como a gente.

Seguindo a locomotiva

Trilhando destinos.

Vagão...

Incansável conduzindo desígnios de vida.

Vagão...

## *Sonetinho de amor distante*

Amo a ti, somente e tanto,  
Mais que tudo e a ternura  
De um amor jamais foi pura  
Como o enlevo deste encanto.

Amo a ti, assim nascida,  
Como nunca e te prefiro  
Quanto à sorte e muito aspiro  
Como a luz, em minha vida.

Não te esqueço, e hei seguido,  
Teu caminho e te lembrado  
Como prenda a que venero;

Amo a ti, enfim, e ungido,  
Pelo teu amor guardado  
Como a salvação que espero.

## *O meu torrão*

**“O sertanejo é antes de tudo, um forte.”**

**(Euclides da Cunha)**

O meu torrão de nascença,  
Fica no Sertão, cravado.  
Um lugar abençoado  
Onde não há desavença.  
Um povo que crer na crença  
E tem fé no Criador.  
Não chora miséria e dor  
Nem se mostra entristecido.  
Jamais se dá por vencido  
Sem comprovar seu valor.

O meu sertão tem grandeza  
Que na cidade não tem.  
Luar, e prosa, e também,  
Muitas comidas na mesa.  
Quase nada é riqueza.  
E não se vive ao descarte.  
Desistir, nunca fez parte.  
Na reluta e na valia,  
Pois, se a vida se recria,  
O viver torna-se arte.

Meu chão é gleba pequena  
Mas é vasto em seus valores.  
Tem poetas, cantadores,  
Tem devoção e novena.  
Tem noite clara e serena  
Com fogueira de São João.  
Tem saga de Lampião  
Em forma de poesia.  
Esse é o sertão que um dia  
Encantou meu coração.

## *Súplica*

Deixai, ó vida, recobrar alento,  
Posto que agora a solidão desfila,  
Onde sobeja, em cujo leito exila,  
À condição de tão pequeno intento.

Não sou, senão, tal um inerme ser,  
Já exaurido ao labor tão forte  
A suplicar coragem, breve sorte,  
Quem sabe força para me erguer.

Porém caído pela dor da luta  
Resta somente a mesquinhez oculta  
No véu translúcido que a vida encobre

Desventuroso, eis que assim me vejo,  
Que no desânimo sequer almejo  
Lograr bonança, por sentir-me pobre.

## *Coisas*

Coisas sempre vão ser coisas.  
Só servem pra atrapalhar  
Quem vive comprando coisa  
Só tem coisa pra pagar  
Quem só pensa em coisa ter  
Vira coisa sem saber  
De coisa não vai passar.

Em todo canto tem coisa  
Pra tudo coisa se tem.  
Quem ver coisa em toda coisa  
Não enxerga coisa além  
Tem coisa que é tão impura  
Que como coisa não dura  
E vira coisa também.

Por ser coisa cada coisa  
Como coisa viverá  
Pena de quem busca coisa  
Pois só coisa vai achar  
E de coisa será feito  
Se coisa nunca tem jeito  
Vai ser coisa até cansar.

Portanto se só são coisas  
As coisas que procurou  
São coisas que irá colher  
Porque só coisa plantou.  
Pois a coisa mais sentida  
Das coisas que tem a vida  
Essa não se revelou.

### *Mulher amável*

Os teus risos são gorjeios  
Que agradam a qualquer gosto  
Os teus lábios vivem cheios  
Co' a ternura do teu rosto.

Os teus olhos têm o lume  
Dos desígnios mais certos  
Teu corpo exala o perfume,  
Do mais fragrante dos cheiros.

Teu aspiro, alento d'alma,  
Teu silêncio, voz que acalma,  
A peleja e os temores.

Teu ego é chuva molhando  
Rosas, que desabrochando,  
Enfeitam jardins de flores.

## *Ceará*

Ceará, és meu lugar,  
O norte do meu destino,  
Meu orgulho alencarino,  
Meu agreste poetar.  
Qual alegre despertar  
Pelo sol tão prateado  
Que num piscar acalmado,  
Pois, longínquo principia  
Na candura, todo dia,  
Para me fazer agrado.

Ceará, és minha terra  
Onde o mar com afeição  
Conversa com o sertão  
Enquanto flerteia a serra,  
Que vistosa se descerra,  
Assim, aprazivelmente;  
Bonita como um presente  
Naturalmente adornada,  
Feito arte, emoldurada  
Ao gosto de sua gente.

Ceará, és meu torrão  
Do nordeste, um pedaço.  
Em ti, sempre me refaço  
Com desmedida paixão.

Teu filho, tem fortidão  
Não se rende ao desengano,  
Tua graça é teu plano,  
Qual seja a sina, és forte,  
Cearense, é tua sorte,  
Ser um grande ser humano.

Ceará, um certo eu,  
Que de tanto pretender,  
Como tal ousa querer  
Ser de mim, enquanto teu.  
Por certo me convenceu,  
Esse jeito tão fagueiro  
E por haver um primeiro  
Em tudo, e, nesse país,  
És de fato, o mais feliz  
Entre o "povo" brasileiro.

## *Ser Humano*

Ser  
Sabiamente ser  
Solitário sois sábio  
Sedentos senhores  
De algo ser  
Te querem servil  
Silvícola  
Sadio  
Sem sorrir  
Santa sabedoria  
Não te entregues  
A tal situação  
Sede tua própria sombra  
E saberás, enfim, existir...  
(Júlio Derzi)

De sorte existo.

Sou algo que espera uma forma completa.

Sou tudo de um pouco do nada.

Sou o vazio que transborda e não enche.

Sou a fadiga que o gozo criou.

Sou a face da vida ou a ilusão do ser.

Sou a própria razão que, no entanto, a procuro.

Sou a concepção do instinto alheio.

Sou a farsa do outro, o eu, o fulano.

Sou certeza, o incerto ou quem sabe o engano.

Sou o surto da calma ou o silêncio que grita.

Sou a paz que me habita, mas nem sempre me acho.

Sou a busca que não cessa

Sou a gula que não se sacia.  
Sou apenas atitudes  
Sou simplesmente o que pude  
Sou enfim, somente...  
Um "SER HUMANO."

## *Simplismente Maria*

Ô coisa boa é Maria  
Feliz de quem uma tem.  
Não precisa de ninguém  
Pra lhe fazer serventia  
Na tristeza e na alegria  
Qual seja a ocasião  
Maria nunca diz não  
E pra tudo acha um jeito  
Maria, o seu defeito,  
É ter um bom coração.

Maria, não é somente,  
Altiva como se quer  
É simplesmente mulher  
E santa em forma de gente.  
Mais que qualquer raramente  
Quão sublime como um tanto.  
Cujo branco do seu manto  
Não lhe deixa macular  
Maria, eis sobre o altar,  
A graça do seu encanto.

Maria, mulher bondosa,  
Amor que brota da alma.  
Mão serena que acalma  
A força tempestuosa.  
Maria, flor mais cheirosa,  
Delicada singeleza.  
Que nem mesmo a agudeza  
Do espinho, lhe palpita.  
Maria, a mais bonita.  
Das obras da natureza.

## *Num segundo*

Num segundo venho à vida, conceber.  
Num segundo vejo o mundo, logo nasço.  
Num segundo se tropeço me refaço.  
Num segundo eis-me um ente, em pleno ser.

Num segundo, busco em mim, um eu pensante.  
Num segundo vai-se o tempo em disparada  
Num segundo tudo posso, noutro, nada.  
Num segundo pouco tenho, mas, bastante.

Num segundo me contento ou entristeço.  
Num segundo tanto espero, que mereço.  
Num segundo sou completo, se me fiz.

Num segundo faz-se eterno o que não dura.  
Num segundo nasce e morre a criatura.  
Num segundo só de ser, já sou feliz.

## *Aracoiaba, minha terra natal*

Minha rima tem floreio,  
Tem pássaros minha terra.  
Flerta o meu sertão, a serra,  
Meu vale, de encanto é cheio.

O meu verso tem luar  
E torrente o parco rio  
O meu sol vive com frio  
Tem poeira o meu nevar.

Meu poema tem cascata  
Tem cigarra, e minha mata,  
Se seca ou verde é normal,

Minha poesia explica:  
Os contrastes fazem rica  
A minha "terra natal".

**Aracoiaba, município cearense situado a 78 km da capital Fortaleza na região do maciço de Baturité. Seu relevo compreende, as encostas da serra estendendo-se pelo sertão e se destacam ao longo de sua extensão os monólitos conhecidos respectivamente como: Pedra Aguda e Pedra do Tamanco. A palavra "Aracoiaba" é de origem tupi e significa terra onde os pássaros cantam.**

# *Francisco Lima Freitas*

1927 - 2017

**Humanista, escritor, jornalista e retórico renomado. Integrou várias agremiações acadêmicas, das quais a ALMECE foi onde mais se destacou ao ocupar o cargo de presidente durante 23 anos consecutivos.**

É prudente, contudo, verdadeiro,  
A respeito de um gênio afirmar:  
Ser humano de brilho estelar,  
Criatura de hábito fagueiro,  
Homem simples, porém, grande guerreiro,  
Invencível, porquanto, imorrente.  
Às agruras, é forte combatente,  
Nunca foge dos próprios ideais,  
Mesmo farto por outros cabedais,  
Tão jamais, pois, renega a sua gente.

Lima Freitas foi este genial  
Arquiteto de sonhos e desejos.  
Oriundo dos ares sertanejos,  
Fez-se urbano acendrado na moral.  
Na seara da vida cultural  
Com labor semeou sua carreira,  
Entre outras, o fez, sobremaneira,  
Desvelando qual nobre atitude:  
Ser bondoso, de todas, a virtude,  
Mais altiva da sorte derradeira.

Humanista, fiel e relutante,  
Por distintos caminhos palmilhou  
E dos tantos ofícios que lidou,  
Foi das letras que veio a ser amante.  
Jornalista, retórico brilhante,  
Escritor, tal poeta renomado.  
Literato, por todos aclamado,  
Relicário de obras e talento.  
Três arcádias em justo cumprimento,  
O tornaram, pois, imortalizado.

Em seus feitos tão bem figuraria,  
Aludindo ao que mais empreendeu:  
Lima freitas e o grande silogeu  
Fundamentos de uma academia  
Um amante das coisas que fazia,  
Para fins de quem venha a apreciar  
E nas linhas do vasto paginar  
Aprazer-se na verve ecletista  
Deste herói, qual insigne beletrista  
De quem temos orgulho ao lembrar.

## *Ser*

Ser, em si.  
De fato, ser.  
Ser, como tal.  
Ser, animal.  
- Apenas?  
- Não!  
Ser, com razão.  
Com razão de ser.  
De querer ser  
O que se é,  
E se pretende.  
Ser! ...  
Sábio ser.  
Como não e sim.  
Ser, sem fim.  
De infindo começo.  
Ser, o maior preço.  
Ou ser nenhum.  
Ser, valor algum.  
Ou ser único.  
Ser, desde que seja,  
O próprio se for.  
Não importa ser,  
O que tenha sido.  
Sendo ser,  
Enfim, nascido.  
Contanto que,  
  
Haja pra ser.  
Já é merecido.  
Ser  
E viver  
Feliz!

## *Pais*

**Aos meus pais,  
Bartolomeu Batista Xavier e  
Francisca das Chagas Nogueira Xavier.**

Quem despertou ao limiar da lida  
Pois, compreende os divinais preceitos.  
E assim tomado pelos bons conceitos  
Bem sabe o quanto vale os pais, na vida.

Quem, sem porfia vislumbrar seu norte,  
No caminhar nunca terá tropeço,  
Curvar-se-á jamais à dor e ao preço,  
Logrando gozo por sentir-se forte.

Quem seus conselhos, ao ouvir faz prece,  
Tanto que aprende como não esquece  
E, sem pagar ou suplicar esmola.

Quem concebeu inapagável brilho  
Já descobriu que eles são para o filho  
Tal a lição e a melhor escola.

## *Advertência*

**Aos alunos que futilizavam as aulas quando eu  
no colégio Almir Pinto em Aracoiaba.**

Permita-me na hora consumida  
De modo não pretendo lhe exortar.  
Que as efemeridades a usar  
Sombreiam os extremos desta vida.

Pois o tempo, porém por nada espera,  
E você que se esquece, e brinca tanto.  
Não nota que no fútil vai, portanto,  
O carisma que a vida bem lhe dera.

Quando a aula, porém é ministrada,  
Deturpa e ao contrário não faz nada,  
Maculando a doutrina do saber.

Sentirá o pesar das atitudes  
E verá, desprezando tais virtudes,  
O quanto poderá vir a perder.

## *Prece*

Silencia-me ao leito  
Ó noite calma, sombria!  
Que eu não venha à revelia  
Pra confessar o meu feito.  
Mas, possa encontrar um jeito.  
Se não, pedirei clemência.  
E que a santa sapiência,  
Fonte ativa de clareza,  
Seja sempre luz acesa,  
Para minha consciência.

Quisera bem reclinar  
Minha cabeça exaurida  
E que o pelejar da lida,  
Ajude-me a examinar.  
Que jamais venha olvidar  
Os atos que não condiz  
Por tudo que hoje fiz  
E por assim me sentir  
Sei que vou poder dormir  
Com minha alma feliz.

Quero tanto agradecer,  
Por tudo que me fizeste.  
As provações que me deste  
Pra que eu possa, enfim, crescer.

A virtude de viver  
Neste plano conturbado  
Por ser um templo sagrado  
E puder evoluir  
Enquanto eu viver aqui  
Ó senhor, muito obrigado!

Que este meu dever cumprido,  
Cumpra-se no teu caderno.  
Que tal gesto seja terno  
Quando gozo, desprovido.  
Que eu nunca esqueça o sentido  
Que para ti, me conduz.  
Que ao levar a minha cruz.  
Carregue os teus ideais.  
Que eu não te esqueça, jamais,  
Nem Tu de mim, ó Jesus!

## *Quisera*

Quisera ter você bem junto a mim  
Ó fonte a devotar infindo amor.  
Beijá-la como beija o beija-flor  
Que vive a beijar flores no jardim.

Quisera no seu ego, pois em chamas,  
Arder-me com voraz e tal desejo  
E zeloso instigar todo vicejo  
Que povoa o seu corpo quando amas.

Quisera por um longo e belo aspiro  
Afangá-la ao abraço mui ardente,  
Qual instinto fremente a reclamar.

Quisera ter ao frêmito, o suspiro,  
Que o acalma de modo veemente,  
Toda vez que se doa ao amar.

## *Infinito amor*

Em tudo ao teu amor serei atento.  
Eis que somente e sempre hei de amar.  
Quão fielmente sem jamais negar  
Seja na dor e em teu contentamento

Quero instigar o mais sutil prazer  
Num gesto intrínseco sentir-te pura.  
Tanto afagar como inspirar ternura  
Que no deleite convenhamos ser.

Distintamente, apenas um, de sorte,  
Que sem volver-se, quão vorás e forte  
E em cujo leito suplicar pudor,

Na calma a suspirar, fremente,  
Ao exultarmos no silêncio ardente,  
A cada instante de infinito amor.

## Poetas

Poetas são meninos numa praia deserta.  
Os versos são castelos de areia  
De crianças brincando.  
Os sonhos são ondas que vão e que vêm,  
Que trazem ilusões  
Que levam desejos.

- Uma palavra perdida
- Um risco no chão
- Um poema é uma embarcação.

Poetas são homens na madrugada de uma noite fria.  
Cabelos longos, de arma na mão,  
Abeirando o sono à margem de uma folha de papel.  
Poetas são pescadores esperando peixes ao anzol.  
Não, não esperam peixes.  
Esperam palavras, versos... ideias que se arrastam,  
Mas, nem sempre lentamente,  
Às vezes súbitas fisgam-se e vêm à tona.  
Poetas, guerreiros... porém mansos a bater à porta:  
- Procuram-se razões, emoções, paixões...  
Poetas, hóspedes a reclamar silêncio  
Numa varanda que dá para o horizonte,  
A contemplar o universo dos seus pensamentos."

## *Estudo*

Estudo, pois hei necessitado,  
E sou pendente a tal precisão  
Que jamais alheio à condição  
Terei o estudo desprezado.

Estudo, com alento e ardor,  
E assim hei de lograr sapiência  
Para tornar mais rica a vivência  
E vivê-la tranquila e sem dor.

Estudo, pois, conseqüentemente,  
É quão belo, quanto enfim, luzente,  
À hora obscura da partida.

Estudo, pois o saber em mim,  
É mais que o ouro, não terá fim,  
Nem mesmo ao decrepitar da vida.

## *O vale*

Sou sertão. Sou matutino  
Tenho um vale em meu lugar.  
Meu vale parece andino  
Muito vale um campesino  
Pra quem sabe avaliar.

Meu vale fica formoso  
Quando a chuva vem molhar.  
De tão verde é bonitoso  
Ó meu vale valioso,  
Encanto-me só de olhar.

Meu Vale não é mesquinho  
Tem passarada a cantar.  
Aqui não vivo sozinho  
Quem tem Vale, tem um ninho.  
Para se perpetuar.

Vale tanto o vale meu,  
Que jamais hei de deixar  
Vale, entre mim e ti,  
A grandeza de existir,  
E a ternura de sonhar.

## *O cortejo*

O cortejo segue as sinistras pegadas

No meio, o horizontal, fúnebre...

-Ouviria as súplicas e o choro?...

E no fundo dos corações,

Uma saudade sorrindo...

Sorrindo, porque agora ela habitará,

E somente dirá notícias.

As vozes trêmulas

Entretêm-se ainda aturdidas.

As senhoras comprimem os rosários:

- Descanso eterno...

Intervém o soluço.

- Que o céu dos santos

Seja o seu também!

Porém de face límpida

Ainda escuta o sino

E os olhares de pêsames

O acompanham.

## *Águas do Rio Mar*

Águas do Rio Mar  
Leva-me também  
Às ilhas do Pará,  
Às praias de Belém.  
Mostra-me o feito  
Da força caudalosa,  
Da sorte venturosa...  
Deixa-me encantar!  
Deixa-me sonhar  
Ao alarde do teu bem;  
Ao eflúvio de tua alegria.  
Porém, leva-me também,  
Às ondas da baía  
Às praias de Belém.  
Desperta-me ao teu fremito constante.  
Silencia-me, sussurrante em teus mistérios.  
Converte-me à tua glória como um bemfeitor.  
Conduz-me ao teu estro, como um verso a resvalar.  
Deixa-me seguir teu horizonte, teu destino,  
Ao desatino do teu sonho a nortear.  
Porém, leva-me também,  
Aos olhos de alguém.  
Às ilhas do Pará.  
Às praias de Belém.

## *Acróstico*

**Cantor, compositor, poeta e repentista cearense.**

Justo foi o criador  
Ostentando em sapiência  
Num instante de glória e dor  
Altiva sorte e decência  
Sonho de um grande amor.

A essência de uma vida  
Lepidamente despida  
Vislumbrando em seu destino  
Enlevante desatino  
Sem jamais negar-se à lida.

Distinta voz desabrocha  
Aprazível aconchego.

Sem volver-se ao desalento  
Itinerante se vai  
Lúdico como um rebento  
Versejando ao seu contento  
A insígnia de um pai.

## *Artemiza*

Artemiza. És tu, a saber?  
Toda a graça que do amor nasceu.  
E da fonte que te concebeu  
Não se viu coisa igual ao teu ser.

Como um lume fez-se assim, mais forte.  
E velando todo teu encanto  
Protegeu-te com o mais belo manto.  
E guiou-te à mais profícua sorte.

Não contente, tua glória evoca.  
Pois que ainda teu nome tem arte  
Como a própria alma em ti, nascida.

Tudo quanto és muito me toca  
E sem sucumbir, por toda parte.  
Estás sempre a recriar a vida.

## *Contemplação*

Eis o céu azul  
Azul como alma  
A alma que acalma  
Acalma o meu eu.

Eu que por encanto  
Encantadamente  
Mente e corpo, sente.  
Os carinhos seus.

Eis um dia belo  
Belo como o mar  
Mar de se ficar  
Ficar com paixão

Paixão que me aquece  
Aquece a nós dois  
Dois corpos, depois.  
Nossos corações.

Eis a noite terna  
Ternamente nua  
Nua como a sua  
Sua imagem só

Somente reluz  
Luz que busca o ser  
Ser de ser você  
Você e eu que é nós.

## *Coisas de mim*

Coração de poeta  
Qual alma serena  
Às vezes, profano  
Poeta é humano  
E erra, e ama...

A vida tem drama  
E drama é arte  
E o que seria do poeta  
Sem a arte de ser...  
De enxergar o que sente  
E, verdadeiramente  
Se eternizar.

Embora efêmero  
Contudo e quão somente  
Não seja dolente  
Ou bom fingidor

Porque o amor  
É jura secreta  
E isso não é coisa só de poeta  
Mas de quem sabe conceber  
Porque ser como você  
Não é só existir  
Mas, perpetuar-se na vida.

## *Um novo dia*

Eis que a aurora principia  
No despertar da brancura.  
Trazendo a terna candura  
Do primor de mais um dia.

Debruçado no horizonte  
Surge o sol tão reverente  
Lépido, pois, no nascente,  
A brilhar por sobre o monte.

E no limiar da lida,  
Mais uma graça provida  
Concebe-se na labuta

Cuja vida por fineza,  
Mostra-nos sua proeza  
No afanar de cada luta

## *O suíço*

Um dia fui convidado  
Por um certo amigo meu  
Que logo me convenceu  
De um grandioso achado.  
Um suíço, apanhado  
Rico e muito competente  
Generoso, certamente.  
Isto ele imaginou.  
Daí, então me levou  
Pois, assim, tão de repente...

Era um gringo importante  
Vindo lá de outras bandas.  
E segundo as propagandas  
Que fez o acompanhante,  
O tal era viajante  
De terras continentais.  
Seus feitos conjunturais  
Davam-se, pois, na verdade  
Na alta sociedade  
Em eventos culturais

Em uma churrascaria  
Ali, estavam à mesa.  
E pra dizer com franqueza  
Não vi muita simpatia.  
Julgando ter serventia  
Meu amigo interferiu.  
O estrangeiro arredo

Ao final da refeição  
Levantou-se e deu-lhe a mão,  
Foi quando ele investiu.

Suíço, só um instante,  
Escute-me, sem demora.  
Vou mostrar, aqui e agora  
Este matuto brilhante,  
Um artista, poetante  
Do nosso simples lugar,  
Você vai admirar  
O talento que ele tem  
E, com certeza, também  
Vai querer lhe ajudar.

Aí, ele me olhou  
Assim, meio sem querer.  
E eu, pra melhor dizer  
senti que ele não gostou.  
Mas, meu amigo piscou,  
Chamou a sua atenção  
Mesmo sem motivação.  
Sabendo do resultado  
Pra cumprir o combinado  
Acabei dando-lhe a mão.

E disse: meu diretor  
Permita me apresentar.  
Sou poeta popular  
Violeiro e trovador.  
A você, um defensor,

Da cultura, um baluarte.  
Um suíço, que à parte,  
Promove eventos diversos  
Dedico-lhe os meus versos  
Retratos de minha arte.

O suíço, por sua vez,  
Falou com categoria:  
Eu detesto poesia,  
Nada leio em Português.  
Inda digo pra vocês,  
Nunca foi meu seguimento.  
E saindo desatento  
E de maneira discreta,  
Disse-me: quem é poeta  
Não entra no meu evento.

Não fiquei desapontado  
Mas, capiongo, porém.  
Guardei o livro e também  
Me senti desencantado  
E com um jeito acanhado  
Contudo sem me queixar,  
Lembrei de catalogar  
Este episódio notório  
No rol do meu repertório  
Dos não que vim a ganhar.

## *O retirante*

Eis o retirante!  
Nada importante  
Que olha a pastagem  
Que a estiagem  
Aos poucos secou.

A água se foi  
O verde também  
Mas, a fé de alguém,  
Que ama o sertão  
Ah! Essa não...  
Se perpetuou.

Como o seu suor  
Que molha a peleja,  
A força lateja  
A coragem grita  
O sangue se agita  
No afã da sorte  
Que a lida traz

E sem volver-se, assaz,  
Vai seguindo a luta  
Pois, sua conduta  
É forte por demais.

## *O anoitecer na praia de Iracema.*

Ei-lo vistoso, posto que pungente,  
Envaidecido, ao inspirar prazer,  
O calçadão, qual suntuoso ser,  
Tanto comove, como instiga a gente.

Muitos caminham, outros tão somente,  
Embevecidos no primor da arte,  
Bem como o lúdico, por toda parte  
Encanta a todos indistintamente.

Linda, Iracema à multidão afeita,  
Envolta às cores, brilha, logo enfeita  
Singelos traços que o olhar recria.

Enamorado o mar, pois, beija a praia,  
A tarde cai, o sol se pondo, ensaia  
Crepuscular final, de mais um dia.

## *Alegria Sertaneja*

De tão verde o meu sertão  
Pomposo se delineia  
Sob a chuva que permeia  
E sobre o frescor do chão.  
Todo viço em ascensão  
A despir-se ternamente  
Cuja vida indiferente  
Faz-se eterna à emoção.

O horizonte, pois, goteja,  
Enquanto o céu se condensa  
Alegra-se o ser na imensa  
E altiva sorte que enseja  
Todo canto que harpeja  
A tudo encanta e fascina  
Infinda graça divina  
Afetuosa peleja.

Prazeroso é cada olhar  
A vislumbrar a magia  
Quão serena nostalgia  
Distinta a desabrochar  
Sem querer se faz notar  
A natureza impoluta  
Imaculada conduta  
Eis num gesto a se doar.

Qual beleza que se quis  
Sem antes chegar a hora  
Mas o sol foi sem demora  
Pro céu de outro país.  
E os lampejos tão servis  
Em conluio com o trovão  
Trouxe inverno pro sertão,  
Fazendo o homem feliz.

### *A festa passarineira*

Eita... que tem passarinho  
Por tudo quanto é lugar.  
Tem tanto, que sem faltar,  
Muitos já fizeram ninho.  
Tem deles que é bem alvinho  
Tem preto e amarelado  
Tem um que pula animado  
Na estaca do terreiro  
Pula-pula o dia inteiro  
E nunca fica cansado.

É tão grande a cantarola  
Só se ouve o sussurrar  
Passarinho improvisar  
Desencantando a cachola  
E nem precisa viola  
Tão harmoniosamente  
Cantam, compõem repente  
Sem errar um verso só  
Difícil é saber de có,  
Qual o mais inteligente.

Sendo maior, tanto faz,  
Se pequeno, não importa.  
Mesmo se a cantada é torta  
Igualmente outro jamais.  
Seja bicudo ou audaz  
Não canta o que o outro canta  
Todos têm timbre e garganta  
Pode até ser assanhado  
Bonito ou pouco apanhado  
Qualquer um cantando encanta.

E assim, pois, a natureza,  
Todo dia vive em festa.  
Seja aquela, seja esta,  
Toda espécie tem presteza  
Sem faltar delicadeza  
Eis que plena a sua lida  
Simples, porém, tão contida,  
Vê quem busca observar  
Ouve quem sabe escutar  
Os apreços desta vida.

## *O tempo*

Veja o tempo que passa calmamente  
Num compasso contínuo e regular  
E caminha sem medo de cansar  
Mas não para, não corre e nunca sente.  
Não espera por qualquer ser vivente  
Entra e sai, não precisa de um aval.  
Tudo leva que seja o bem ou o mal  
Indistinto jamais faz distinção  
E de tudo, que existe sobre o chão,  
Ele vê, cuida e sabe o seu final.

Não se perde nas curvas do caminho  
O seu rumo, pois, não se desnorteia.  
Os seus passos se fincam pela areia  
Os seus pés são imunes ao espinho  
Solitário, a caminhar sozinho,  
Ele segue cadente sem cessar.  
Não avança afanado pra chegar  
Não espera por quem ficou de vir  
Quem deseja na vida lhe seguir  
Não atrase nem tente ultrapassar.

Indelével, à luz de tal razão.  
Disfarçado na face do ser, gente.  
Inaudível imensuravelmente  
Quão informe e alheio à vastidão.

Inodoro, sem cor e sem feição,  
Cujos traços quem ver, saberes tem.  
E sereno, sem garras, sem, também,  
Pretender demonstrar sua grandeza  
Não se furta das leis da natureza,  
Todavia, simplesmente é o além.

Dessa forma presente, ao seu contento,  
Mas, visível ou sem se perceber.  
Obscuro no âmago do ser  
Intrínseco ao sábio pensamento.  
Pois, assim, sem que se ouse qual invento,  
Dele, enfim, a lograr toda magia.  
Quem vier conceber essa harmonia,  
Com efeito, provector e audaz.  
Vai notar, pois, que o tempo é perspicaz,  
Muito, e mais do que a vã filosofia.

## *O amanhecer*

Eis que nasce um novo dia  
No azul, pois, se descortina,  
E a candura matutina  
No horizonte principia.

Eis que o sol, à calma plena.  
Tão distinto se avizinha  
Enquanto a lua sozinha  
Busca o leito, quão serena!

Eis que na vasta quietude,  
Desabrocha à infinitude  
Quão pomposa a conceber,

Eis que em forma de existência  
Qual perfeita, toda essência,  
Revela-se em cada ser.

## *Se*

Se te lembro, de tal modo me contento.  
Se, distante, muito mais perto te quero.  
Se te evito, certamente já venero.  
Se te esqueço, é que te busco em pensamento.

Se te vejo, eis que é sonho eu bem sei.  
Se te chamo, pois te escuto sem ouvir.  
Se te sigo, te acompanho sem sentir.  
Se te sinto, é que a porta, não fechei.

Se me canso, me refaço e não desisto.  
Se, insisto, sei que hei de contemplar  
Se eu chego, tenho tudo o quanto quis.

Se, ainda, o meu gesto não for visto.  
Se me tomas, mesmo em vão, vou relevar.  
Se me queres, aí sim, serei feliz.

## *Gratidão*

Quanto vale a gratidão?  
É coisa que vem da alma  
É sentimento que acalma  
E conforta o coração  
É dizer sim pelo não  
É se dá sem pretender  
É enxergar sem se ver  
É simples, porém, sagrada.  
É tudo e parece nada  
É retratar-se ao seu ser!

Muito faz quem de repente  
Dá-se a tamanha bravura  
De curvar-se à criatura  
Tão indiferentemente.  
E num breve eternamente  
De tal modo abnegado  
Cujo ego que insuflado  
Por um ato tão audaz  
Tanto diz quem é capaz  
De falar muito obrigado.

Mas é pena que essa ação  
Um mero gesto de amor  
Esteja, pois, sem valor  
A troco de pretensão  
Enquanto que o coração  
Que vive a precisar dela  
Amarga na bagatela  
Da pobreza humanitária  
Chora na ânsia falsária  
Dos que ignoram ela.

# *O Seringueiro*

Manaus, 2011

**Em memória do Sr. Raimundo Rodrigues da Silva**

**Nascido em 25-09-1927**

**Soldado da borracha.**

Sr. Raimundo é acreano  
Mas tem sangue nordestino  
Trabalhou desde menino  
Jamais colheu desengano  
Criou filhos com a lida  
Hoje é exemplo de vida  
De um altivo ser humano.

Suas mãos já foram um dia  
Calejadas pela luta  
Na floresta, na labuta,  
Pelo ferro que feria  
Tal incisão, pois, certa  
O tronco da seringueira  
Com distinta maestria.

Sua força foi notória.  
Nos seringais, sua marcha.  
Foi soldado da borracha  
E fez parte de uma glória  
Não logrou bens ou riqueza  
Mas ajudou com certeza  
A escrever a nossa história.

## *A chegada do inverno*

O sertão enverdeceu  
Alegrou-se a criatura  
A terra virou pintura  
De tanto que floresceu.  
O sol se desaqueceu  
O céu mudou o semblante  
Sorriu também, gotejante.  
O chão esfriou, choveu!

A lua nasceu dengosa  
Qual serena a debutar.  
O trovão veio acordar  
A noite silenciosa  
Tem gente fazendo prosa  
Ao lampejo que alumia  
O tempo que principia  
A amanhecença invernosa.

Molhada a terra, eis que cheira.  
A semente nasce, cresce.  
O telhado se umedece  
Corre a água na biqueira.  
Sobe a rama trepadeira  
A pastagem se levanta  
Tem melodia que encanta  
Na festa passarineira

Chora a lenha encharcada  
Enquanto a comida esquenta.  
A família se apresenta  
Numa prece devotada.  
Na varanda a rede armada  
Grato, o sertanejo diz:  
Obrigado a Deus, feliz,  
Por mais uma invernada.

### *Rio Aracoiaba*

Se se morre um rio  
Se um rio se vai.  
Se o rio suplica  
Se um rio jamais  
Ver-se aflorar...  
Se a água não jorra  
Se o leito agoniza!  
Se se chora de dó.  
Se o rio não corre  
Se ninguém lhe socorre  
Se se sente só...  
Se o rio soluça  
Se em silêncio grita  
Se, sucumbe à sorte.  
Se um gesto de morte  
Oprime o seu ser.

Se o verde sem viço  
Se enfim, não margeia.  
Se os pássaros não gorjeiam  
Que triste de ver.  
Se o rio acena  
Numa luta serena  
Querendo seguir  
Sem nenhum desengano,  
Sem o ato profano, insano, humano...  
Sem se afligir.  
Se o rio não morre  
Se o rio sorri  
Se o rio é vida.  
Rio é como nós  
E todos temos o direito de viver.

### *Casa de farinha*

Ainda guardo lembranças  
pois, das casas de farinha.  
Dos anos que nos convinha  
O tempo e suas bonanças.  
Homens, mulheres, crianças,  
Numa labuta animada.  
A moça enamorada,  
O beiju e a gamela...  
Ah! Como a vida era bela  
Nas noites de farinhada

## *Constatação*

A vida é como uma estrada  
Que nos conduz para o fim.  
Cada um, bom ou ruim  
Segue na mesma jornada  
Não há volta nem parada  
Nem ninguém pra acompanhar  
Nada se pode levar  
Não importa o que se tem  
Enfim, todos como vem  
Se vão pro mesmo lugar

## *O crepúsculo*

Ei-lo rei, pois que majestosamente,  
Entre as nuvens distintas do arrebol  
Sem alarde, porquanto, o astro sol,  
Apresenta-se tão singelamente  
E caindo a cortina do poente  
Uma insigne aquarela emoldurada  
Com as mais belas cores, rabiscada  
Pelas mãos do divino Criador  
Sob aplausos despede-se, e ao se por,  
Logo volta pra outra temporada.

## *Amor proibido*

"Ao primo Messias Nogueira"

Tanta paixão arrebatou-lhe o ego  
Não mensurando a conseqüente sorte  
E assim tomado de um anseio forte,  
Qual sentimento fê-lo surdo e cego.

Porém munido desse grande ardor,  
Ao desdenhar até perigo e medo  
Logo decide e, madrugando cedo,  
Ousa roubar o seu distinto amor.

Mas sem demora tal instinto alheio  
Pretensioso e conspirante veio,  
Impiedoso a provocar porfia.

E da ventura que tão logo cessa  
Restou enfim, só a ilusão, a peça,  
Cujo destino lhe pregou um dia.

## *Fonte de cultura*

Maranguape, boa Terra  
Lugar de gente feliz  
Onde a arte tem raiz  
E a cultura não emperra  
Sua praia é a serra  
Aos seus heróis dá guarida

Qual história percorrida  
Tanto encanta e nos convence  
Ser, pois, um maranguapense  
É ter orgulho na vida.

### *Presente de páscoa*

Pra não dizer que não te trouxe nada  
Do que se espera,  
Nada além!...  
Talvez algo não palpável  
Como um ovo, que como tal só se parece.  
Ovo não é prece!  
E quem por si vale mais?  
Ovo tem forma  
Prece, não.  
Ovo se degusta  
Prece é oração.  
Se não te basta  
Perdoe-me pela intenção.  
Sei que ovo é belo  
Já meu coração é singelo  
Que ovo tem sabor  
Minha oração não tem cor  
Que ovo é presente  
Minha oração é simplesmente  
Um gesto de amor.  
E isto além de me parecer suficiente  
Apenasmente é tudo que pude dá...

## *O anoitecer em Várzea Queimada*

Sobre a copa da mata o sol se vai.  
Entre os raios do crepúsculo,  
A calmaria do poente,  
A vastidão do Oeste!  
O anoitecer se aproxima.  
E na alvura do horizonte sob o azul do céu,  
Eis que a lua quão discreta se avizinha.  
Simples, porém,  
Radiante como uma dama a debutar.

O vento sopra a brisa ribeirinha.  
As árvores se embalam.  
Os pássaros cantam,  
E pulam, e se aninham,  
Envoltos ao perfume das flores

O desabrochar das rosas.  
Nos quintais, as galinhas se empoleiram.  
Enlevadas pelo ditoso e altivo cantar do galo.  
Nos currais, o gado se arrebanha.  
As cabras, as ovelhas...  
Também os porcos se agasalham,  
Os jumentos pastam...  
E até os cururus, renitentes,  
Agrupam-se aos pés dos postes  
Para oportunamente  
Se fartarem num banquete fervoroso de insetos.

A noite chega!  
Acendem-se as luzes.  
As casas se iluminam.  
As estrelas aos poucos vão surgindo.  
A lua brilha, agora, disfarçadamente.

Das cozinhas vem o cheiro do jantar.  
Lá fora, entretanto, são tantas as brincadeiras:  
\_ O passeio de bicicleta,  
\_ O encontro dos amigos,  
\_ O resumo do futebol,  
\_ A hora do anjo,  
\_ O terço na capela.

Nas bodegas, em meio às prosas e conversas,  
Toma-se o mata bicho.  
Enquanto nas calçadas  
Ou nos bancos de carnaúba de baixo dos pés de ninho,  
Tecem-se as fofocas,  
Os acontecimentos do dia.

Nos terreiros,  
As rodas de estórias,  
Os causos...  
Nas salas,  
O jogo de dominó,  
As novelas,  
As visitas, etc.

A ternura da noite começa a chegar.  
O calor do dia dá lugar ao frio e ao sereno,  
Que timidamente já envolve todo o lugar.  
A vida, enfim, se envaidece!  
Mais tarde vem o silêncio.  
A graça do descanso,  
A glória da peleja.  
Mais tarde, todos dormem,  
E sonham...  
E acordam para um novo dia.

### *Minha mãe...*

Quando era criancinha  
Minha doce mamãezinha  
Fazia-me cafuné.  
Como um anjo me benzia  
Embalava, eu dormia,  
E guardava em sua fé.

Chamava-me com agrado  
Com tal zelo, dedicado,  
E serena me tratava  
Dava banho bem fresquinho  
Enchia-me de carinho  
Em seu colo me catava.

Servia-me na cozinha  
Dava asa de galinha  
Pra um dia eu voar  
Comprava chinela e pano  
Roupa nova todo ano  
Pra ir à missa rezar.

Sempre em sua companhia  
Em qualquer lugar eu ia  
Nunca me dissera não.  
Sempre me prestou cuidado  
Cada passo, lado a lado,  
Jamais me negou a mão.

Minha mãe, ativa graça,  
Eterno amor, que me enlaça,  
Palavra certa, sentida,  
Mãezinha, qual sábia e pura,  
A mais digna criatura  
Alento de minha vida.

## *Tempo, discernimento e recordação*

Passa o tempo, incoibível,  
Calmo, vai-se norteando.  
Tudo cuida e, sem descuido,  
Nossos sonhos vai levando.  
Itinerante não espera  
Nem se importa de deixar  
Sua marca em nosso rosto.  
Cada traço, cada gosto,  
Cada resto de ilusão.  
Eis o tempo, a solução,  
Das coisas em que a gente  
Por não poder, comumente,  
Vai deixando para trás.  
A peleja contumaz.  
A preguiça do querer.  
A tristeza, o encanto,  
O prazer, que entretanto,  
Alegra-nos e faz chorar.  
Pelo tempo tudo é visto.  
Seja até o eu de si.  
Como é bom lembrar de ti,  
Do tempo em que ao tempo  
Éramos tão desatentos  
E tínhamos pela mão,  
A ternura de um aperto,  
Um gesto sem pretensão,

Ou um ato sem maldade  
Que sem tempo, de verdade,  
Ficou na recordação.

Mas, o tempo é companheiro,  
E fiel, por conseguinte...  
Sábio, justo e, quão atento.  
Tempo é discernimento  
E por ele tudo enfim,  
Dá-se em tal anacronismo.  
E ter tempo é tão preciso  
Como os meios para os fins!

## *Século* XXI

Passam os séculos.  
Passam os anos.  
Os dias se vão...  
O tempo anda a passos normal.  
Não corre, não para,  
Não cansa da lida...  
Numa busca renhida que não se chega ao fim.  
Vidas desabroçam,  
Despetalam-se como flores.  
Descobrem-se amores,  
Valores diversos.  
Muda-se o curso dos sonhos.  
Torna-se emergente!

Tudo é algo simplesmente possível,  
Cabível na palma da mão.  
Não, é quase ilusão.  
Sim, é graça que pode.  
Concepção é algo que nasce a cada instante;  
E assim se renova o ato.

Tudo é iminente!  
Rapidamente se transforma e a fio caminha.  
O ser se defronta  
E nasce e cresce.  
E vive e perece  
Em tal condição.  
E por ter razão  
Vale-se da sorte  
Sem, contudo negar-se.  
E, por fim, pensante,  
Instintivamente  
Muito se compraz  
Da sua grandeza  
De fazer surgir.  
De se definir  
Entre tantos outros  
Envoltos, alados  
Mensurados na conformidade  
Da realidade de realizar-se.  
Um milênio se foi...  
Outro também!  
E eis que nascente

Um novo desponta  
A contemplar o ser  
Descortinando a vida!

O sertão é como nós  
Por sobre o plano ondulado  
Qual olhar enternecido  
O horizonte azulado  
O sol fremente e temido  
A chuva o verdor do chão  
O despontar do verão  
O arco íris despido.  
O rio que assim, desfila.  
A pouca água, a areia.  
O primor da clorofila  
A palidez, seca e feia.  
A neve que ora, encanta.  
A pedra aguda, a tamanca.  
Em minha alma permeia.  
O João de barro, o pedreiro.  
Como homens, casa faz.  
O cantador, violeiro.  
O curumim, contumaz.  
O xiquexique, espinheiro.  
Do pedregulho ao lajeiro  
Qual respeitoso e audaz.

A caatinga, pomposa.  
Quantos dotes nela tem

Rala, densa ou garranchosa.  
À natureza convém  
E a fonte que lhe norteia  
Nunca seca, vive cheia.  
Das coisas que lhe faz bem.  
Aurora que principia  
O dia que vai chegar  
Crepúsculo que anuncia  
As belezas do luar  
As estrelas do carreiro  
A cruz do santo cruzeiro  
A fé nas coisas de lá  
O vento que leva a folha  
A força de cada intento  
O rumo de cada escolha.  
A peleja do rebento.  
Tristeza lá não é triste  
Pois a vida em si, consiste  
Infundo contentamento.  
Meu sertão é mensageiro  
De tudo que tem e quis  
Sábio, herói, companheiro.  
E parte deste país  
Um ser feito eu, que sente.  
É igualzinho a nós, gente.  
Também vive e é feliz.

## *Paixão*

A paixão nos queima sem arder  
Dói, mas uma dor que não se sente.  
É como sofrer e ser contente  
Algo que se quer, sem pretender.

Rio que transborda sem encher  
Lágrimas que caem sem ter pranto  
Fonte inesgotável de encanto  
Graça que se vive sem querer.

Luz que delineia sem se ver  
Ser ao qual se quer e não almeja.  
Sorte venturosa que revela.

Sentimento que nos faz viver  
Como quem não sabe o que deseja:  
Resistir ou entregar-se a ela.

## *Educação*

Fonte infinda, luz crescente.  
Mãe altiva do saber  
Alento que faz nascer  
O desejo de ser gente  
Viço álaçre nascente  
Que espalha à imensidão  
As dádivas da razão  
Imorredoura semente.

Quão majestosa ventura  
Qualquer forma de eloquência  
Todo ardor da sapiência  
Tal frêmito de cultura  
Da mais ofegante e pura  
E distinta inspiração  
Que enobrece o coração  
Com graciosa bravura.

Quem te ousa contemplar  
Vai por sorte se envolver.  
E assim, unir-se ao prazer,  
Se despir e se encantar  
Emergir e mergulhar  
Em um mar de pensamentos  
Cheio de conhecimentos  
Sinuoso a ondular.

Quantos querem lhe seguir  
Quem consegue lhe buscar  
Onde pode lhe encontrar,  
Se, deseja descobrir?  
O seu estro a reluzir  
O pecúlio da alegria  
Cheio de sabedoria  
Como forma de existir.

Quisera trilhar, ufante.  
Com apego, fé e zelo.  
Aliviar-me ao conselho  
Do seu ego itinerante  
Deleitar-me em cada instante  
Que transformado em vitória  
Faz do sonho, uma glória.  
Cada ato relutante.

É a fonte da razão  
Qual sorte tão preferida  
Gesto que instigando a vida  
Torna-se rica benção.  
Que todos tenham paixão  
Por essa musa tão bela  
Cujo nome que tem, ela.  
Chama-se: educação.

# *A janela*

**À Esmefrânia Braga**

Da tua janela, vê-se o mar.

Majestoso como um rei...

As ondas incansáveis,

O azul em movimento,

A vastidão do olhar!

Da tua janela, o horizonte, infindo...

Longínquo como o pensamento,

Tão teu como o próprio eu

Descortinado a cada desejo.

Da tua janela, eis que o vento te enlaça.

Distinta graça!...

Como o estro, indomável, porém, como os teus próprios  
sentimentos, a desaguar como o mar, em si mesmo.

Da tua janela, tua sorte.

Aquela...

Como algo em ti que te detém.

Como ninguém,

E como alguém jamais o fez.

Da tua janela, o sussurro da tua calmaria.

O silêncio das tuas palavras.

A dor que te sufoca

A paz que te alivia.

Da tua janela, o calor do teu leito.

A magia dos teus sonhos que à alma transcende.

O ardor que te ascende à imensidão da paixão,

À plenitude do amor..  
Da tua janela, mais que o canto das águas  
Sedentas ao cais.

Da tua janela, quais ruas pequenas,  
O clamor das antenas em busca de mais.  
Da tua janela, as razões serenas que, ora, ponteiam.  
As estrelas que passeiam  
A lua que te acena.  
Da tua janela, e não mais que dela...  
O teu mundo se faz.  
O teu gesto modesto  
O teu ego audaz  
A altivez dos teus atos  
A fraqueza do teu ser.  
O ombro que ampara  
A angústia que sara ao amanhecer.  
Da tua janela, tudo enfim, acontece...  
E te envaidece...  
Embora simplesmente assim:  
Como o cheiro da brisa que te sopra  
O trabalho que te sustenta,  
O amor que te alimenta,  
O teu próximo, que às vezes, de tão próximo,  
Está distante de ti.  
Da tua janela, eis a vida!...  
O bem maior, que me faz ver.  
Como o binômio do teu nome,  
"Esmefrânia",

Só tem tu  
Como tua janela  
Como tais, tu e ela.  
O ousam ser.

## *Amor*

Amor, qual sublime sentimento.  
Arte de existir de todo ser  
Ato cujo à vida faz mover  
Força que nos ergue ao desalento.

Amor, desprezioso invento.  
Obra que se faz sem perceber  
Graça que ganhamos sem saber  
Relíquia que se encontra ao relento.

Amor, cada instante de bravura.  
Ao gesto inefável que perdura  
N'alma, ternamente concebida.

Amor, tal distinta, mera e pura,  
Sorte, e, pois quem logra quão ventura.  
Não perecerá, jamais, na vida.

## *Insigne ser*

Maria...  
Qual nome o teu!...  
Maria...  
De tão simples, talvez...  
Tão grande se fez.  
Maria...  
Embora singela,  
A maior entre todas...  
De pureza tão bela  
Como tal.  
Aquela...  
Distinta Maria!  
Quão sabedoria!  
Toda honradez.  
Ó Maria...  
Eis concebida.  
Criança nascida.  
Maria, mulher..  
A mais venturosa  
Serena, ditosa  
Altiva como sois,  
Modesta, como enfim, o é!  
Maria...  
Palavra de fé.  
Insigne "ser"  
Maria que Deus  
Ousou escolher

Para sua mãe! ...  
Maria...  
Como todo dia!  
Tua graça consiste.  
Maria...  
Alguém que existe.  
Embora discreta.  
Como tal, o poeta.  
Maria... Maria... Maria...  
O teu nome é quem diz,  
Que tu és feliz!

## *Sônia*

**À Professora, Sônia Garcia  
Manaus – AM.**

Sônia, graça que se quer,  
Sônia, nome que se dá.  
Sônia, não, de sonhar.  
Sônia, distinta mulher.  
Sônia, palavra sem “h”  
Sônia, mestra do saber  
Sônia, ensina a aprender  
Sônia, és homófona  
Sônia, sonhar é preciso  
Sônia, como, enfim, o é.  
Sônia, que a vida te quer  
Sônia, como teu sorriso.

## *Tudo*

Tudo...  
Palavra completa.  
Sentido absoluto.  
Relativo...  
Como todas as coisas.  
Como o próprio vazio  
Que também é tudo  
Enquanto nada.  
Tudo...  
Todavia...  
Sem nenhum qualquer.

Ou quase enfim.  
Algo mais,  
Ainda assim.  
Ou então  
Que seja...  
Tudo cabe em tudo  
Como toda ideia  
Que se possa ter.  
Tudo...  
Apenas a vastidão,  
Da ausência...  
Do que há  
Quando se imagina.  
Tudo...  
Até a infinitude da pequenez  
À longínqua imensidão  
De tudo o quanto urge existir.

Tudo...  
É maior que razão.  
Ou não...  
Pois a razão é a base de tudo.  
Enfim...  
Até tudo é assim.  
Tão simples como se pode achar.  
Contudo,  
Tudo é igual.  
É opcional  
Apenas palavra!

### *Acnóstico*

À jovem Talita Nogueira

Tudo podes quando enfim, almejas.  
Ao passo que altivas, se desejas,  
Livremente sempre ser-te-á.  
Imorrente, graça concebida.  
Traços existenciais da vida  
Auspicioso gesto de amar.

Na precípua candura da idade  
Ostentando quão distinto ser.  
Grata sutileza do crescer  
Uma alusão de tal bondade  
Em cujo reluzir da vontade  
Instigante faz-se revelar  
Rosas e espinhos para tocar  
A saber, a grata liberdade.

## *Considerações*

### **Homenagem ao Distrito de Plácido Martins (Passagem Funda) Aracoiaba - Ce**

Encravada na costa da ribeira,  
Eis que surge discreta e campesina  
Ao nascente, o azul que descortina  
Sobre a copa da mata derradeira.  
A Tamanca, formosa e altaneira,  
Feminina, em serena singeleza,  
Ao doar-se pra sorte da beleza  
E sombreando as águas do Choró,  
Faz do novo lugar, distinta e só,  
Referência por toda redondeza.

Tão pequena, nasceu Passagem Funda,  
Abeirando as mangueiras imponentes.  
Nas várzeas os verdores condizentes  
A brisa, tal fagueira e oriunda.  
Da vastidão do olhar que enfim, se inunda,  
No desaguar, por vezes, invernal.  
Professando o desejo natural  
Na fé que tão sublime principia,  
A crença ditosa a Santa Luzia  
Presente na vida de cada qual.

O seu nome remonta a Travessia  
Nos tempos de bonanças e torrentes.  
Numa luta de homens e viventes,

Cruzando a turva água que corria.  
Arfantes, porém, cheios de alegria,  
Encorajados iam a diante.  
Assim, numa peleja tão marcante,  
Sem pressa, sem alarde ou pretensão,  
Contudo, foi crescendo no sertão,  
Até ficar pomposa e radiante.

Mas, passaram-se os anos comumente,  
De forma costumeira e tão normal.  
O tempo sem querer deixa o sinal,  
E transformando tudo segue em frente.  
A ancestralidade de uma gente,  
Toda sabedoria que perdura.  
Que seja altiva ou simples qual ventura,  
Há traços indeléveis a saber,  
Se mui merecedor é cada ser  
Também é imorrente a criatura.

Enfim, ao deleitar-se, pois, contente,  
No limiar de tais vicissitudes  
Reflete-se nas grandes atitudes  
Logrando do progresso emergente.  
Ganhando nova alcunha legalmente  
Quais filhos como todos, tantos fins.  
Porém, um deles ousa entre os sins,  
Seu nome, todavia, devotar,  
Viera então, um dia se chamar:  
" Distrito de Plácido Martins"

## *A seca do quinze*

2015 - Centenário da morte de Izabel e Luzia, mártires de  
Aracoíaba

Mil novecentos e quinze  
Há um século passado,  
O nordeste brasileiro  
Foi deveras castigado  
Por uma seca tão forte  
Que numa mesquinha sorte  
O sertão foi desertado.

"O quinze", como narrou,  
Nossa "Raquel de Queiroz"  
Bem como conta a história,  
Nossos pais, nossos avós,  
Sem haver gotejação  
A seca varreu o chão,  
O sol se fez nosso algoz.

A terra tão ressequida  
O pão se negou a dar.  
A caatinga secou tanto,  
Virou lenha de queimar,  
A água não suportando  
Logo foi se definhando  
Sem forças pra suportar.

Sertão ficou sedento  
Tão faminto por demais.  
Pois morria desde gente  
Sem contar os animais,  
O céu limpo e azulado  
Tremia ao olhar cansado  
Do homem já incapaz.

Neste inóspito cenário  
De tanta desolação,  
Retirantes norteavam  
Caminhos sem direção  
Buscando na esperança  
Merecer a venturança  
De ao menos ter água e pão.

Muitos tombavam sem forças  
E caindo em qualquer margem,  
Numa estrada tão comprida  
Sem ter sombra ou paragem,  
Cujo martírio notório  
Deu lugar a oratório  
Simbolizando a passagem.

Deu-se, pois, que viajavam,  
Pela nossa redondeza  
Duas jovens (Izabel e Luiza) tão sedentas  
Marcadas pela pobreza  
E por não mais aguentar  
Uma veio a desmaiar  
Devido à grande fraqueza.

Tem o nome de "balança"  
O lugar onde caiu.  
Nisso a outra aperreada  
Aflita logo saiu  
Na esperança de encontrar  
Enfim, água pra salvar,  
Aquele que sucumbiu.

Mas, ficou tão ansiosa  
Numa cacimba de areia  
Bebeu água em demasia  
A barriga ficou cheia  
Esmorecendo, porém,  
Sem forças caiu também  
E morreu em terra alheia.

Sem socorro, a primeira,  
Sob o sol veio a morrer  
Tanta fome, tanta sede,  
Vieram lhe acometer,  
De tal sorte, deletéria,  
A mais profunda miséria  
Sem direito a viver.

Assim terminou a saga  
De pura segregação,  
De quem pereceu na luta  
Pra viver nesse torrão,  
Que no céu venham rogar  
Por nós pra Deus nos mandar  
Chuva pro nosso sertão.

## *Lembranças de minha vó*

Muito me lembra vovó  
Bem junto à porta, assentada,.  
No ofício de rendeira  
Serena e quão dedicada  
Tão hábeis suas mãozinhas  
Teciam rendas branquinhas  
Naquela grande almofada.

Feliz, despreocupada,  
Cantava, se distraía,  
Os bilros pra lá e pra cá  
Um no outro, pois, batia,  
Os alfinetes, tirava,  
Zelosa, manuseava  
A renda que produzia  
Ao crepuscular do dia  
Sem fadiga, mui contente,  
Tão bela arte exhibia  
E num encanto, somente,  
Sem pretender, com fineza  
Provava sua grandeza  
Diante de toda gente.

Tanto apreço, felizmente  
Cuja força, desmedida,  
Convence-nos quanto orgulha  
E pela graça auferida  
Nela bem se cumpre o plano  
De um grande ser humano  
Tamanho exemplo de vida.

## *Apelo*

De mim, tudo podes conseguir.  
Desde que também saibas doar.  
Nunca me procures sem se dar.  
Quem quer, tem que bem retribuir.

Sei que muito tens a oferecer.  
Não consentirei teu egoísmo  
Assim, quero evitar que no abismo,  
Pois, te precipites sem saber.

Porém, pretendendo, só lamento.  
Não terás sequer nenhum momento  
Que por fim, jamais possas lograr.

Mas, se porventura a tal contento.  
Venhas conceber meu sentimento  
Eis que poderemos partilhar.

## *Passa tempo*

Olhe o tempo,  
Vai passando!...  
Vejo da minha janela.  
Passa tempo, passa tempo,  
Vai passando como aquela  
Nuvem solta lá no alto.

Passa tempo, passa tempo,  
Passa tempo como ela.:  
Passa tempo, passa tempo,  
Sem preguiça de passar.  
Passa tempo, passa tempo,  
Sem ter pressa de chegar.  
Passa tempo, vai passando,  
Todo tempo sem parar.  
Passa tempo, passa tempo,  
Enquanto eu me contento  
Somente em te ver passar.

Passa tempo, passa tempo,  
Noite e dia sem cansar.  
Passa tempo, passa tempo,  
Até quando, sabe lá.  
Passa tempo, passa tempo,  
Seu destino vai levando.  
Passa tempo, vai passando,  
E eu no mesmo lugar.  
Passa tempo, passa tempo,  
Passa tudo, na verdade,  
Só não passa essa saudade  
Que não quer te acompanhar.

Passa tempo, passa tempo,  
Passa tempo, vai passando,  
Eu daqui fico te olhando  
Até quando, até quando...

## *Quando chove no sertão*

Quando chove no sertão  
Tudo que é bom acontece.  
O sertanejo amanhece  
Com muita disposição  
Enche a cuia de feijão  
Põe o bernal na cintura  
Come pão e rapadura  
E vai plantar o roçado  
Pedindo a Deus, um bocado.  
Pra que se tenha fartura.

O verde tão logo encanta  
O rio fica corrente  
O homem sorri contente  
Reza novena pra santa  
No terreiro o galo canta  
Cantador faz cantoria  
O sapo se delicia  
A formiga cria asa  
Tem fogão de lenha e brasa  
E pote com água fria.

A andorinha ligeira  
Hábil, sai em revoada.  
Vaqueiro tange a boiada  
Toma-se banho em biqueira  
Tem menino com frieira

Lenha seca no cambito  
Cabra que enjeita o cabrito  
Riacho dá enxurrada  
No céu cada trovoada  
Estremece o infinito.

No alpendre tem muita prosa  
Lá na cozinha o jantar.  
O pavão fica a mostrar  
Sua beleza pomposa  
Tem gente fazendo glosa  
Tem galinha no poleiro  
Porco fossando o terreiro  
Tem xerém lá na gamela  
Baião de dois na panela  
Leite morno no papeiro.

Tem pinga no pé do pote  
Água fria na quartinha  
Tem vovó fiando linha  
Tem donzela e rapazote  
Mulher tem é de magote  
De beleza enternecida  
Quem lutou conhece a lida  
Sabe gostar do que quis  
Eu gosto, e sou tão feliz,  
Agradeço pela vida!

## *Além de mim*

O que dizer de você,  
Se nem mesmo sei de mim!..  
Se o sondo, é sem querer.  
Se nem acho, pois, assim,  
Como um traço eis que sou  
Se existo sou amor  
Se me apago, sou o fim.

Como ousa o indagar  
Se apenas sou apelo.  
Se o escuto, o enxergo,  
Se me nota, me tem zelo.  
Se distante me aproximo,  
Sendo grande, sou menino,  
O que quer, busco sê-lo.

Se se inclina, eis que sonho.  
No alento me refaço.  
Se deseja, me proponho,  
Se tropeça, sou o laço,  
E, sem mais pretenso e tanto,  
Nada além do seu encanto,  
Muito é, eu pouco faço.

## *O sertanejo*

"O sertanejo é antes de tudo um forte",  
Assim dissera Euclides da Cunha.  
Carregamos até mesmo na unha  
A nossa terra, a peleja e a sorte.  
Do Brasil, um pedaço ou o norte,  
De um povo feliz, "Cabra da Peste".  
Dos costumes, da alegria agreste  
E da aridez pomposa do sertão  
Do humilde, porém, rico torrão  
De um tesouro que se chama Nordeste,

## *O Arco*

**Do alpendre de minha casa  
Sítio Jacaré, Aracoiaba – Ce 25/01/2019**

- Enfim... Sertanejo, eu?  
O sou. E, pra variar,  
tenho um ARCO em minha casa,  
uma OBRA singular.  
Não é nada como a LAPA,  
tão pouco não é famosa  
tal qual a (Cidade) MARAVILHOSA,  
pode até ninguém notar.  
Mas, tão encantadamente,  
todo dia, do nascente  
ele me traz, gentilmente,  
o sol, distinto e formoso  
do horizonte vasto,  
enquanto eu, orgulhoso  
inda contemplo a beleza  
vistosa, da natureza  
que Deus, com toda franqueza  
o fez só pra me agradar.

É certo que é bem discreto,  
não foi um GRANDE arquiteto  
que de fato projetou.  
Porém, meu PAI, homem simples,

sem um estudo, sequer,  
com um prumo, uma colher,  
inteligência e vontade,  
usou criatividade.  
Isto, porque, na verdade,  
a tal Universidade  
nunca viu, também não sabe,  
se existe ou onde é.

Do meu ARCO, fico olhando  
a vida se despertando,  
o dia descortinando,  
os raios do sol chegando  
num discreto palmilhar.  
Dele, vejo as paisagens,  
as árvores e as pastagens,  
as mais bonitas imagens,  
o passaredo a cantar.

O meu ARCO é meu roteiro,  
e visito o ano inteiro  
sem precisar de dinheiro,  
ponte aérea ou coisa assim.  
Posto que, meu ARCO, enfim,  
comumente é corriqueiro.  
É meu destino primeiro  
e vejo do meu terreiro,  
pois, bem pertinho de mim.

## *Mulher*

Ó mulher, qual virtuosa.  
Que não é fêmea, somente.  
Que tem um jeito de gente  
Mas, a alma graciosa.  
Que é frágil como a rosa  
Mas é rocha, de tão forte.  
Que mesmo logrando sorte  
Inda ousa ser bondosa.

Sempre faz sem receber  
O bom gesto jamais nega.  
Não se furta do que enxerga  
Nem se curva ao que se ver.  
E de tanto conceber  
Com tal estima se doa  
Pouco importa ser tão boa  
Vale mais poder fazer.

Sempre busca sem cansar  
Da distância não tem medo.  
Não importa, tarde ou cedo.  
Em que chão possa pisar.  
Embora venha chorar  
Nem que o mal faça sofrer  
Não hesita em aprender  
Não desiste de ensinar.

Sem volver-se enfim, na lida,  
Cuja trilha nunca erra  
E no afã o qual lhe encerra  
Jamais sente-se exaurida  
Assim de modo aguerrida.  
Quão serena e sabiamente  
És um raro ser vivente.  
Deste bem chamado, vida.

## *Amor*

Quão sublime é o amor  
A mais digna conduta  
Pelo qual eis que se luta  
Com incansável ardor,  
Porém se preciso for,  
De tal modo relutante,  
Peleja-se a todo instante  
E amando-se mais ainda  
Faz-se o amor glória infinda,  
A graça mais importante.

## *Você*

Que coisa boa... De ver.  
Quão mulher, distinto auspício.  
Que das lidas faz ofício,  
Eternizando o seu ser.  
Despretensa, como um quê,  
Muito mais, tal, pois, pungente.  
Eis que grande, ou meramente,  
Mensurável ou sem medida  
Quanto bem fazes na vida  
Você... Exemplo de gente!!!

## *Perspicácia*

Sábio é você que enxerga  
O que sempre não se vê.  
O que tentam esconder  
O que tão pouco se prega  
Mas que a vida, jamais, nega,  
E muito tenta mostrar  
Quem se deixa enfim, notar,  
A sorte, não se faz cega.

## *Viver*

De tal modo sem saber!  
Quem vive alegre e feliz  
Certamente a vida quis  
E nunca vai esquecer  
Por quem sabe viver  
Em tudo encontrará graça  
E a vida vai, mas, não passa  
Sem antes eternecer.

## *Bom dia*

Onde anda você  
Por onde tem passado  
O que tem sonhado  
O que está a fazer  
Pois que sem querer  
Ou querendo, sei lá  
Só pra desejar  
Dos dias o melhor  
Ousei, veja só  
Sem lhe consultar!

Bom dia para você  
Qual ser que humanamente  
Tem jeito de boa gente  
Tão sereno de viver.  
Que muito tem a dizer  
E diz mais, e sem cansar.  
E se cansa se parar  
De ser útil e sempre e tanto  
E por lograr deste encanto  
Resta-me cumprimentar!!!

## *Enlevo*

O teu amor hei seguido  
Sempre, e com tamanho zelo.  
De modo que tal desvelo  
É distinto e desmedido.  
E num querer comovido  
Espero lograr-te tanto  
Que em face do teu encanto  
Mais se encante o meu sentido.

## *O carnaval*

Eis que se dá o entrudo...  
Que por não ser usual  
E por, tanto extravasar,  
Ousa enfim, pois, se chamar,  
Simplesmente, Carnaval...  
Onde tudo é tão banal  
Onde o certo vira errado  
Onde o ser, contrariado,  
Chega até se confundir  
Entristece enquanto rir  
Anda na contrapartida  
E assim, em veste despida,  
Tão exacerbadamente  
Vive o prazer mais dolente  
Das vaidades da vida.

## *Vida, o bem maior*

Pois, em tudo a natureza,  
É perfeita por demais.  
Tem coisas que se assemelham  
Ou diferem como tais  
Daí então, que se aprende,  
O valor dos "cada quais"

Pessoas que se detestam  
Ou se afinam, com prestezas.  
Tem outras que compartilham  
Alegrias e tristezas.  
Enquanto a vida nos mostra  
Seus valores e grandezas.

Tudo é bom, tem seu papel.  
Sem se por, ou sem tirar.  
A vida é sábia, é justa.  
E a nós, pois, sabe se dá.  
E é a mais bela obra  
Pra quem sabe admirar.

## *Enfim...*

É o tempo, mediano,  
Nem custoso, nem fugaz.  
Não caminha apressado,  
Também não fica pra trás.  
Para poucos, tempo é tempo,  
Para muitos, tanto faz...

## *O pilão*

**Causo**

Inda alcancei o pilão  
Tenho orgulho de lembrar.  
Pisei milho para o pão  
Pra xerém e mungunzá  
E sem querer aumentar  
Nem fazer pabulação,  
Não tinha preguiça, não,  
Pisava até descascar.  
Aquele arrozim torrado  
Trazido lá do roçado  
Pro mode fazer o baião  
E misturar com toicim  
Farinha de gergelim  
E água do cacimbão.

Também pisava o café  
Deixava só o pozim.  
Castanha e coco - baé  
Pra gente fazer sonhim,  
Merenda ou quebra-jejum.  
Semente de jerimum  
Caroço de algodão,  
Tinha um calo em cada mão  
Mesmo assim não se cansava...  
Rapadura eu pisava  
Araruta e croatá  
Farinha pra afinar  
E fazer caldo e pirão  
Beiju e resto de pão  
Pra misturar com mingau  
Folhas de bamburral  
E raspa de aroeira  
Pra esfregar nas frieiras  
Que eu pegava no curral.

Fumo seco pra tabaco  
E casca de jatobá  
Pipoca feita no caco  
Para fazer aluá  
Pisava sem demorar...  
A mão pula, pula ,pula.  
Duas mãos, uma caçula...  
Um pilão a soluçar.

Eita tempo velho bom...  
Coisa chique não havia.  
A tal tecnologia  
Não era nem novidade.  
As coisas lá da cidade  
Tava longe do sertão  
Léguas de separação  
Da industrialidade.

Eita tronco de angico!  
Que o serrote e o formão  
Conduzidos pelas mãos  
De meu pai, mestre querido.  
Transformado e esculpido  
E muito por nós o fez.  
Um grande pilão, talvez,  
Que já foi um dia, e tinha,  
Pois, tantas utilidades,  
Hoje é apenas saudades  
Lá no canto da cozinha.

## *Aracoiaba, antiga Canoa.*

Minha terra é cheia de encantos  
De cantos e passarada  
De serras que lhe cobiçam  
De um sertão que lhe deseja  
De Marcelino, de peleja,  
É canoada

Minha terra é verde, ardente,  
Aridamente orvalhada  
É rio, é trilha, é caminho,  
É Jenipapo, é Canindé,  
É rastro de bicho e de pé  
É cavalgada

Minha terra é aurora, é poente,  
É gente ovacionada  
É arte que reluz  
Mão que risca e pinta  
É aquarela distinta  
Agraciada

Minha terra é pedra, aguda,  
É planície ondula  
É tamanco inerte, é serrote,  
É rua grande, é canção  
É Valdez, é violão,  
É dedilhada

Minha terra é punhado de chão  
É flor cheirosa, rosada,  
É sol, chuvisco, paragem,  
É urbana, é campesina,  
Brava alma, é nordestina  
Abençoada

*Ana Maria Nascimento*

**Homenagem à Ana Maria Nascimento por ocasião de sua  
doença tratamento e recuperação Fortaleza, 21/08/2016.**

Sob o crivo cruel e tão mesquinho  
Norteando qual longo palmilhar  
Eis que a sorte sem dó nem hesitar  
Nas nuances do áspero caminho  
Sequer, pois, mensurou tal desalinho  
De modo contundente e não banal  
Assim ao deferir revés ou mal  
Agindo com discreta covardia  
Ousou acomodar-te à revelia  
No leito inóspito de um hospital.

Agora, ei-la calma ou contumaz  
Buscando compreender a tal ventura  
As forças advindas da bravura  
A causa infortuna e tão voraz  
O gesto afaçável que a apraz

O grito do silêncio a discorrer  
Porquanto, sobre a condição de ter  
Os traços deste indesejável gosto  
Que embora invisível salta ao rosto  
Mostrando o quanto frágil é o ser.

Alheia a este drama, eis pequena  
Porém nem mesmo o medo a contraria  
Pois, sempre resignada, todavia,  
Com esperança luta em cada cena.  
Qual doce formosura, antes, plena  
Ruiu pela contenda vexatória,  
Que enfim, por comprovar a quão simplória  
Penumbra que se vive e, dentre a qual,  
Ensina o criador, num só sinal  
A recobrar os passos da vitória.

Fadada ao descompasso tão dolente  
Ciente deste estigma aviltante  
Buscou, pois, desmedida e incessante  
O meio recorrível e aquiescente  
Decerto fê-la jus o Deus clemente  
Enfim, por conceder profícua lida  
Conforta-se na compleição cumprida  
E a quem se alegra com as graças tuas  
Por muitos anos, inda continuas  
Poetizando os sonhos desta vida.

## *O Sábado*

Sábado...

Um dia especial!

Diferente, porém...

O último da semana.

Não há sábado feira

Contudo, fazem feira no sábado.

O sétimo dia!

O dia do ócio?

Não.

O dia do descanso.

O dia do senhor!

O dia em que se admirou

O saber profundo.

O próprio mundo,

A obra final.

Sábado...

Não parece normal?

O dia que se espera!

E se pondera...

A gratidão

O reconhecimento...

Sábado é encantamento.

Tempo de paz.

Aliás,

Afora a tradição,

Doutrina ou razão,

Nada além da verdade.  
Nem diversidade,  
Contenda ou conflito,  
Pois está escrito:

- Observem os meus sábados porque são um sinal entre mim e vocês por todas as gerações como aliança eterna. (Êxodo, 31, 13,16).

## *Devaneio*

**Brasília, novembro de 2016**

Iluminei-me no vasto clarão dos trópicos e no seu brilho avistei Brasília. Sua cúpula tirava pestana após almoço, sobejante, as aspirações do povo. Tentei acordá-la, não consegui, pois delirava em devaneio sonhando com o futuro do Brasil.

## *O dia em que nasceu um gênio*

Ocara, julho de 2018.

Ocara, mil novecentos e quarenta.

Entre tantos e importantes acontecimentos vigentes na história mundial, um veio a se destacar.

O verão avizinhava-se. As fogueiras clareavam as noites, animadas pelas quadrilhas, as brincadeiras... sob o céu estrelado, calmo e sereno; acalorado pelos fogos e contagiado com a alegria de um povo feliz.

Era mês de junho, o calendário registrava 28, véspera de São Pedro.

Caía a madrugada. O passaredo logo despertou. Ao principiar da aurora, ei-lo a entoar sonoros e afinados acordes, contrapontos, dobrados... a mais bela e perfeita sinfonia jamais ouvida, anunciando, certamente, um novo, porém, único e especial amanhecer.

O dia se descortinava. Os primeiros raios começavam a surgir. Radiante no horizonte, o Sol ia aparecendo comovido e envaidecido aos enlances do crepúsculo, como nunca se viu.

As flores desabrochavam. O perfume tomava conta das colinas. A mata verde e orvalhada se inclinava calmamente embalada pelo vento. Uma tenra garoa se precipitava. O cheiro de terra molhada misturava-se à brisa campesina. Pássaros faziam revoadas. As andorinhas pompeavam-se no ar. Os animais corriam pelas campinas; e pulavam e confraternizavam entre si. Os galos cantavam nos terreiros.

Beija flores acampavam nos jardins. O céu ainda enlustrado, surgia azulado na candura embranquecida. Badalavam-se os sinos em uníssonos constantes. Abriam-se as portas das igrejas. O povo aos poucos despertava. Os homens indagavam. As mulheres perguntavam. As crianças murmuravam. E todos cumprimentavam alegremente. E saíam de suas casas para ver

o que se dava. E tão logo eis que se encontravam. E se aglomeravam. E eram tantos, pasmos aos encantos, ora tão inexplicáveis.

Os relógios marcavam seis horas. Enfim, o dia começava. A natureza enfeitada se exibia. A paisagem com seus arranjos ostentados pelas flores, apresentava-se como uma aquarela imensa e singular. Uma expressa camada de neve pairava, pois, discretamente. Um arco-íris veio a riscar o céu com suas cores, cujos raios do sol as refletiam entre a multidão. Ouviu-se um ressoar como de corneta e do alto do Serrote uma voz ecoou num brado inconfundível e para o qual volveram-se os olhares. O grito fez-se escutar pela redondeza e ampliando-se na vastidão foi crescendo, crescendo... de modo que todas as pessoas desde as crianças até os mais idosos, indiferentemente extasiados diante de tal contentamento, foram subitamente despertados como num toque de mágica. Então, foi quando a voz reverberou exultante, ativa e solenemente e, por fim, bradou quão reverente dizendo:

- Hoje nasceu Zé Mitôca, o gênio da poesia.

## *O pescador*

**Em memória de Raimundo Cunha de Oliveira**

**1936 – 2009**

Mestre Cunha, um grande pescador, em uma de suas aventuras nas águas do rio Choró, foi surpreendido pela força da natureza e embora conhecendo todos os segredos da pesca acabou sendo arremessado por um peixe. Ele relutou, relutou... pediu socorro, mas ninguém lhe ouviu e em meio a correnteza veio a silenciar. Que pena! Era um exímio nadador.

Sou nordestino da gema  
Cearense, do sertão.  
Matuto de coração,  
Cabra da peste é meu lema.  
Minha alegria é suprema,  
Meu linguajar é pai d'égua,  
Tenho fé pra mais de légua,  
Nunca desisto, porém,  
Não troco o chic de alguém  
Pelo meu pobre arri égua!!!!

**Abelardo Nogueira**

De há muito conheço o autor da presente obra. Fui uma de suas professoras, no Colégio Estadual Almir Pinto, de Araçoiaba, onde, ainda, adolescente, Abelardo destacava-se entre os colegas, seu gosto pela literatura. Demonstrava facilidade e talento para externar o seu pensar nas diversas formas de escrever cordéis, trovas, causos e poesias, retratando os costumes, valores, a vida de sua gente, de sua cidade, da beleza da mulher, do amor e importância da família, como bem se ver no poema " Pais", página 72, em que dedica no seu último verso " ... que eles são para o filho, tal a lição e a melhor escola".

Abelardo, de todo o coração, desejo sucesso a você, e que essa publicação seja bem recebida no seio literário local, e que o incentive a produzir mais e mais, levando aos amantes da literatura a viajarem no seu mundo da inspiração poética.

Deus, o maior escritor da humanidade, o ilumine, abençoe sua caminhada.

**Marilene Campêlo Nogueira**

Advogada

## *Citações*

O poeta é de si, tão próximo e disperso, que por si, chega a ser único enquanto diverso.

Ter dinheiro é muito bom, podemos comprar quase tudo.

Ter felicidade é bem melhor, não precisamos comprar quase nada.

Não invejo o colar da burguesia, ele poderia me sufocar.

Não quero, jamais, ter meu rosto estampado e ser cuspidos num papel ocioso.

Amedrontam-me as armas porque matam e destroem.

Encoraja-me, entretanto, a sabedoria porque corrige e liberta.

Não me impressiona a valentia dos que vencem a guerra.

Admira-me, porém, a mansidão dos que promovem a paz.

Se a ambição é um pecado capital, então quem tem ambição e não tem capital, é um pecador pobre.

A poesia é a melhor forma de buscar os extremos da alma, contornar o espírito e contemplar a vida.

É fácil ser paciente, difícil é lidar com as provações.

Nem sempre quem sabe, tem compreensão, mas, quem compreende, tem sabedoria.

O silêncio, como ausência de fala, é o melhor modo de guardar sigilo.

Porém, como forma de expressão, é a maneira mais sigilosa de responder.

Se ganhar dinheiro é tão difícil como é tão fácil gastar, administrar, no entanto, é tão relativo quanto absoluto, não ter.

Pra quem não tem sabedoria, um risco no chão é um enigma.

## *Sobre o autor*

**Abelardo Nogueira** é natural do Sítio Jacaré, Aracoiaba-Ce. Filho de Bartolomeu Batista Xavier e Francisca das Chagas Nogueira Xavier, agricultores, junto dos quais viveu parte de sua vida ajudando no sustento da família. Estudou no Colégio Almir Pinto, em Aracoiaba, onde concluiu o ensino médio. No Conservatório de Música Alberto Nepomuceno, em Fortaleza, participou do curso de Extensão em Música ministrado pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Músico, poeta, escritor, trovador e cordelista.



é, em princípio, um típico representante comprometido com a cultura do seu povo. Os costumes, os valores e a vida de sua gente estão sempre presentes em muitos dos seus trabalhos (poemas, causos, trovas e cordéis) mantendo, assim, viva, suas raízes ainda que diante de tanta diversidade. Sua poesia, contudo é marcada por distintos pendores, traços do seu estilo peculiar cujo estro irrestrito apetece.

Entre suas publicações estão os títulos:

- Uma Janela ao Horizonte (poesia)
- Conhecendo Manaus (cordel), ambos publicados em Manaus-AM.
- Cordéis de História (Coautoria) em parceria com a Associação Cearense de Escritores - ACE e a Editora Prêmios.

Também registrou sua participação nas Coletâneas:

- Aracoiaba história em retalhos publicado pela editora Prêmios.
- Mensagens Solidárias à escritora Ana Maria Nascimento.
- I coletânea da AAFROCEL – 2015, homenagem à mulher.
- Coletânea novos escritores da AAFROCEL – 2015.

- Bodas de flores e frutos, edição comemorativa, ano 2018 da Academia Afro Cearense de Letras - AAFROCEL.

Bem como nas Antologias virtuais:

- Logos da fênix / Comunidade – 30 EDIÇÃO, MARÇO DE 2018.
- IV antologia mulheres pela paz (Augsburg – Alemanha), edição extraordinária, março de 2018 – poesia e arte.
- 32 antologia logos edição de setembro de 2018. eisfluencias (revista literária e informação) –
- 51 edição de abril de 2018.
- 52 edição de junho de 2018.
- 53 edição de outubro de 2018, 9º aniversário.
- Portal CEN Cá Estamos Nós – Antologia Virtual Amigos do CEN. Homenagem em edição especial de janeiro de 2019 com o tema: Carlos Leite para sempre na memória.

Abelardo Nogueira é ativo participante e concorrente dos concursos de poesia das UBTs Maranguape, Fortaleza e Ocara, nos quais já classificou vários trabalhos, obtendo distinta premiação e expressivo reconhecimento. Sendo, portanto, a poesia, um universo a percorrer e um encanto a desvendar.

Como cordelista, vasta é a sua obra, da qual boa parte teve menção especial em concursos de poesia, tais como na União Brasileira de Trovadores - UBT

### **Secção Maranguape:**

- Balneário Cascatinha (2º lugar 2013. Prêmio Capistrano de Abreu).
- Manassés de Sousa – De Maranguape para o mundo 1º lugar. 2014
- Capistrano de Abreu - O Príncipe dos historiadores brasileiros 3º lugar. 2015.
- Elvira Pinho – A Dama da cultura maranguapense 1º lugar 2015.

## **UBT – Secção Ocara- no Concurso Literário Poeta Zé Mitôca:**

- A poesia é semente / que Zé Mitôca plantou – mote, 1º lugar - 2015
- Sem ética, sem poesia / sem amor, sem esperança, mote, 1º lugar - 2016
- Lavoisier Ocarense / nossa estrela do futsal, mote – 1º lugar - 2017
- A saga de pai dodó, 3º lugar -2017
- A fábula do serrote (em referência ao Serrote de Ocara) 1º lugar – 2017
- O pescador, micro conto – 1º lugar - 2018

## **Entre outros ainda podemos destacar:**

- Água, sustentabilidade e vida,
- Gislunina e o celular,
- Ana Maria Nascimento (biografia),
- Assentamento Antonio Conselheiro (23 anos de lutas e conquistas),
- Chico Soares – 100 Anos (Uma história de vida),
- Lembranças de minino véi sambudo,
- O casamento de Pitotim e Tica Coió,
- A jumenta do facebook (o debate entre Silvanar e Zé Cotó),
- Fransquim Filó (pense num sujeito enfezado...) e
- Agroecologia, cisternas de placa, porjeto rede maciço (relato final), requisitados pelo Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial da INTESOL / UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira), etc.

Somando-se a esses:

- Proezas do Cumpade Serotilde (causos)
- Maranguape à luz da poesia (poesia) a serem publicados.

Abelardo Nogueira é sócio fundador da UBT- Ocara e autêntico representante da cultura do Maciço de Baturité para o mundo.

**Silvanar Soares Pereira**

**Licenciado em química e biologia pela UVA, em letras pela UFC, Bacharel em Administração Pública pela UNILAB, Radialista, Produtor Cultural e Agricultor Familiar**



# HINO NACIONAL BRASILEIRO

Música de Francisco Manoel da Silva  
Letra de Joaquim Osório Duque Estrada

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas  
De um povo heróico o brado retumbante,  
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,  
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade  
Conseguimos conquistar com braço forte,  
Em teu seio, ó Liberdade,  
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,  
Idolatrada,  
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido  
De amor e de esperança à terra desce,  
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,  
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,  
És belo, és forte, impávido colosso,  
E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada,  
Entre outras mil,  
És tu, Brasil,  
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,  
Pátria amada,  
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,  
Ao som do mar e à luz do céu profundo,  
Fulguras, ó Brasil, florão da América,  
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida  
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;  
“Nossos bosques têm mais vida”,  
“Nossa vida” no teu seio “mais amores”.

Ó Pátria amada,  
Idolatrada,  
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo  
O lábaro que ostentas estrelado,  
E diga o verde-louro desta flâmula  
— Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,  
Verás que um filho teu não foge à luta,  
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada  
Entre outras mil,  
És tu, Brasil,  
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,  
Pátria amada,  
Brasil!

# HINO DO ESTADO DO CEARÁ

Letra: Thomaz Pompeu Lopes Ferreira

Música: Alberto Nepomuceno

Terra do sol, do amor, terra da luz!  
Soa o clarim que a tua glória conta!  
Terra, o teu nome, a fama aos céus remonta  
Em clarão que seduz!  
- Nome que brilha, esplêndido luzeiro  
Nos fulvos braços de ouro do cruzeiro!

Mudem-se em flor as pedras dos caminhos!  
Chuvas de prata rolem das estrelas...  
E, despertando, deslumbrada ao vê-las,  
Ressoe a voz dos ninhos...  
Há de aflorar, nas rosas e nos cravos  
Rubros, o sangue ardente dos escravos!

Seja o teu verbo a voz do coração,  
- Verbo de paz e amor, do Sul ao Norte!  
Ruja teu peito em luta contra a morte,  
Acordando a amplidão.  
Peito que deu alívio a quem sofria  
E foi o sol iluminando o dia!

Tua jangada afoita enfune o pano!  
Vento feliz conduza a vela ousada;  
Que importa que teu barco seja um nada,  
Na vastidão do oceano,  
Se, à proa, vão heróis e marinheiros  
E vão, no peito, corações guerreiros?!

Sim, nós te amamos, em ventura e mágoas!  
Porque esse chão que embebe a água dos rios  
Há de florar em messes, nos estios  
Em bosques, pelas águas!  
Selvas e rios, serras e florestas  
Brotem do solo em rumorosas festas!

Abra-se ao vento o teu pendão natal,  
Sobre as revoltas águas dos teus mares!  
E, desfaldando, diga aos céus e aos ares  
A vitória imortal!  
Que foi de sangue, em guerras leais e francas,  
E foi, na paz, da cor das hóstias brancas!

**Mesa Diretora  
2019-2020**

**Deputado José Sarto**  
Presidente

**Deputado Fernando Santana**  
1º Vice-Presidente

**Deputado Danniell Oliveira**  
2º Vice-Presidente

**Deputado Evandro Leitão**  
1º Secretário

**Deputada Aderlânia Noronha**  
2ª Secretária

**Deputada Patrícia Aguiar**  
3ª Secretária

**Deputado Leonardo Pinheiro**  
4º Secretário



**Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará**

**INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O  
DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ**

**Inesp**

**João Milton Cunha de Miranda**

Presidente

**Gráfica do Inesp**

**Ernandes do Carmo**

Coordenador

**Cleomarcio Alves (Marcio), Francisco de Moura,**

**Hadson França e João Alfredo**

Equipe Gráfica

**Aurenir Lopes e Tiago Casal**

Equipe de Produção Braille

**Mário Giffoni**

Diagramação

**José Gotardo Filho e Valdemice Costa (Valdo)**

Equipe de Design Gráfico

**Lúcia Maria Jacó Rocha e Vânia Monteiro Soares Rios**

Equipe de Revisão

Site: [www.al.ce.gov.br/inesp](http://www.al.ce.gov.br/inesp)

E-mail: [inesp@al.ce.gov.br](mailto:inesp@al.ce.gov.br)

Fone: (85) 3277-3701



**Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará**

Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

Av. Desembargador Moreira 2807,

Dionísio Torres, CEP 60170-900, Fortaleza, Ceará,

Site: [www.al.ce.gov.br](http://www.al.ce.gov.br)

Fone: (85) 3277-2500